



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**  
**DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE**



**PARQUE GOVERNADOR JOSÉ ROLLEMBERG LEITE EM**  
**ARACAJU/SE: UMA ANÁLISE DE PERCEPÇÃO DE SEUS**  
**VISITANTES COMO PROMOÇÃO PARA UMA GESTÃO AMBIENTAL**  
**SUSTENTÁVEL**

Márcia Regina Barreto

São Cristóvão

2017

Márcia Regina Barreto

**PARQUE GOVERNADOR JOSÉ ROLLEMBERG LEITE EM  
ARACAJU/SE: UMA ANÁLISE DE PERCEPÇÃO DE SEUS  
VISITANTES COMO PROMOÇÃO PARA UMA GESTÃO AMBIENTAL  
SUSTENTÁVEL**

Dissertação apresentada como requisito para  
obtenção do título de Mestre pelo programa de pós-  
graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente  
da Universidade Federal de Sergipe.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laura Jane Gomes

Coorientador: Prof. Dr. Gregório Guirado Faccioli

São Cristóvão

2017

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DE LAGARTO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

B273p Barreto, Márcia Regina.  
Parque Governador José Rollemberg Leite em Aracaju/SE: uma análise de percepção de seus visitantes como promoção para uma gestão ambiental sustentável / Márcia Regina Barreto; orientadora Laura Jane Gomes. – São Cristóvão, 2017.  
93 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente)  
– Universidade Federal de Sergipe, 2017.

1. Gestão ambiental. 2. Parques urbanos. 3. Mata atlântica. 4. Política ambiental. I. Gomes, Laura Jane, orient. II. Título.

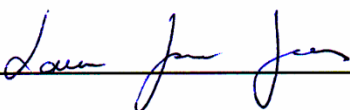
CDU 502.13

Márcia Regina Barreto

**PARQUE GOVERNADOR JOSÉ ROLLEMBERG LEITE EM ARACAJU/SE:  
UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE SEUS VISITANTES COMO  
PROMOÇÃO PARA UMA GESTÃO AMBIENTAL SUSTENTÁVEL**

Dissertação apresentada como requisito para  
obtenção do título de Mestre pelo Programa de  
Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio  
Ambiente da Universidade Federal de Sergipe.

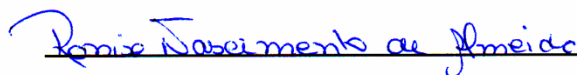
Aprovada em 20 de outubro de 2017.



---

Dr<sup>a</sup> Laura Jane Gomes

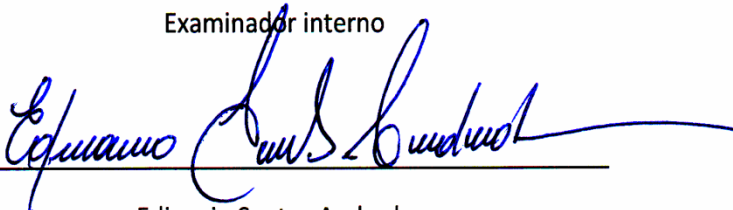
Presidente – Orientadora



---

Dr<sup>a</sup> Ronise Nascimento de Almeida

Examinador interno




---

Edivanio Santos Andrade

Examinador Externo

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação de mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente concluído no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

A handwritten signature in blue ink, reading "Laura Jane Gomes", is written over a horizontal line.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Laura Jane Gomes

Programa de Pós Graduação em  
Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA  
Universidade Federal de Sergipe

É concedido ao programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), responsável pelo Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente, permissão para disponibilizar, reproduzir cópia desta Dissertação e emprestar ou vender tais cópias.



Discente: Márcia Regina Barreto

Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA

Universidade Federal de Sergipe - UFS



Orientadora: Dr.ª Laura Jane Gomes

Programa de Pós Graduação em  
Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA

Universidade Federal de Sergipe

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por estar comigo em todos os momentos.

Aos meus familiares pelo incentivo na realização desse sonho.

A minha mãe, principalmente, pelo apoio e por me acompanhar em determinados momentos dessa jornada.

Ao meu esposo por estar sempre me incentivando e por ter me acompanhado nos momentos mais difíceis.

Aos meus amigos e colegas do programa por fazerem parte dessa trajetória.

À minha orientadora Laura Jane por ter me direcionado com paciência, dedicação e competência no desenvolvimento deste trabalho.

Aos colaboradores da Universidade Federal de Sergipe e do Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente.

E a todos que de alguma forma contribuíram com esse trabalho.

## RESUMO

O Parque Governador José Rollemberg Leite está inserido na Área de Proteção Ambiental Morro do Urubu, que possui o último remanescente de floresta de Mata Atlântica da cidade de Aracaju. Apesar de ter sido tema de pesquisas nas últimas décadas, verifica-se que essa área contempla demandas de estudos sobre a percepção dos visitantes com relação ao espaço do Parque e à Mata Atlântica. Sendo assim, este estudo teve como objetivo geral analisar a percepção dos visitantes sobre o Parque Governador José Rollemberg Leite e sobre a vegetação presente neste espaço (Mata Atlântica). A metodologia envolveu consultas bibliográficas, documentais e aplicação de entrevistas semiestruturadas com análise qualitativa. Os resultados demonstraram que o principal fator motivacional à visitação do parque é o lazer/diversão, que a vegetação do parque foi considerada importante para a maioria, porém, muitos não souberam informar o nome da vegetação predominante. Com relação ao zoológico, muitos o consideram bom, mas, houve relatos sobre maus tratos com os animais, carência na segurança e na infraestrutura. O significado do parque para os entrevistados está centrado na contemplação da natureza. Verificou-se a presença de laços afetivos dos entrevistados referentes a lembranças de infância, como também pautados nas atitudes e valores relacionados ao amor humano pelo lugar.

**Palavras-chave:** Parques Urbanos. Áreas verdes. Gestão ambiental. Topofilia.



## ABSTRACT

Governor José Rollemberg Leite Park is part of the Environmental Protection Area Morro do Urubu, which has the last remnant of Atlantic Forest the city of Aracaju. Although it has been the subject of researches in the last decades, it is verified that this area contemplates demands of studies on the perception of the visitors with respect to the space of the Park and the Atlantic Forest. Thus, this study had as general objective to analyze the perception of the visitors about the Governador José Rollemberg Leite Park and about the vegetation present in this space (Atlantic Forest). The methodology involved bibliographical and documentary consultations and the application of semi-structured interviews with qualitative and quantitative analysis. The results showed that the main motivational factor for the visitation of the park is leisure / entertainment, that the vegetation of the park was considered important for the majority, but many did not know the name of the predominant vegetation. With regard to the zoo, many consider it good, but there have been reports of mistreatment with animals, lack of safety and infrastructure. The meaning of the park for the interviewees is centered on the contemplation of nature. It was verified the presence of affective ties of the interviewees regarding childhood memories, as well as based on the attitudes and values related to the human love for the place.

**Keywords:** Urban Parks. Green areas. Environmental management. Topophilia.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Localização da Área de Proteção Ambiental Morro do Urubu, Aracaju.	33
Figura 02 - Transporte coletivo passando na via em frente ao parque.....	39
Figura 03 - Ponto de ônibus coletivo localizado em frente ao parque.....	39
Figura 04 - Área de vegetação de mata Atlântica vista do zoológico.....	45
Figura 05 - Área de cobertura da vegetação de Mata Atlântica no parque.....	49
Figura 06 - Árvore de nome popular de “Pau-Brasil”, localizada no zoológico.....	52
Figura 07 - Frutífera de nome popular de mangueira, localizada no zoológico.....	52
Figura 08 - Escorregadeiras e pista de skate.....	56
Figura 09 - Campo de futebol.....	56
Figura 10 – Recanto do Chourinho.....	57
Figura 11 – Estrutura de um restaurante que não está em funcionamento no parque.....	57
Figura 12 - Entrada do Jardim Zoológico.....	59
Figura 13 - Vias dentro do jardim zoológico.....	59
Figura 14 - Grades de ferro com placas informando o nome popular e científico do animal.....	60
Figura 15- Estrutura dos recintos, visitantes observando os animais.....	60
Figura 16- Lago com patos.....	61
Figura 17 - Ilha central com alguns macacos.....	61
Figura 18- Bilheteria do teleférico e lanchonete.....	65
Figura 19- Cadeiras do teleférico.....	65
Figura 20- Segunda base de apoio do teleférico.....	65
Figura 21- Trilha na Matatlântica.....	65
Figura 22 - Trajeto do teleférico em área de Mata Atlântica.....	66
Figura 23 - Teleférico passando por cima do zoológico, próximo ao recinto do leão.....	67
Figura 24 - Mirante da Santa.....	68
Figura 25 - Vias asfaltadas dentro do parque e placa informativa sobre a localização dos atrativos.....	68
Figura 26 - Base da polícia Militar do Estado na entrada do zoológico.....	72
Figura 27 - Base da polícia Militar nas proximidades do Mirante da Santa.....	72

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Local de residência fixa dos visitantes entrevistados.....	38
Gráfico 02 - Forma de deslocamento utilizado pelo visitante para chegar ao parque.....	40
Gráfico 03 - Renda mensal dos visitantes entrevistados.....	41
Gráfico 04- Qualificação da vegetação nativa do parque da Cidade segundo os visitantes entrevistados.....	45
Gráfico 05 – Conhecimento dos entrevistados sobre o nome da vegetação presente no parque.....	51
Gráfico 06 – Conhecimento dos entrevistados sobre o nome da vegetação por grupo de entrevistados.....	51
Gráfico 07 - Avaliação da beleza cênica do parque de acordo com os visitantes entrevistados.....	55
Gráfico 08 – Qualidade dos equipamentos de lazer na opinião dos visitantes entrevistados.....	60
Gráfico 09 – Percepção dos entrevistados sobre a satisfação em relação ao Jardim zoológico.....	61
Gráfico 10 - Avaliação dos visitantes entrevistados em relação ao mirante da Santa no Parque da Cidade, Aracaju.....	69
Gráfico 11 - Qualificação da segurança no parque da Cidade segundos os visitantes entrevistados.....	73
Gráfico 12 - Qualificação da quantidade e disposição de lixeiras segundo os visitantes entrevistados.....	74
Gráfico 13 - Expectativas e necessidades dos visitantes em relação ao parque.....	75

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Grau de escolaridade dos visitantes entrevistados.....	40
Tabela 02- Faixa etária dos entrevistados.....	41
Tabela 03 - Número de visitas ao parque por ano.....	42
Tabela 04 - O que o visitante considera mais importante dentro do parque.....	43
Tabela 05 - Importância da vegetação do Parque da Cidade para os entrevistados.....	50
Tabela 06 - Fatores motivacionais à visitação.....	53
Tabela 07 - O Significado do Parque para os visitantes entrevistados.....	54
Tabela 08 – Avaliação dos entrevistados sobre o equipamento teleférico.....	66

## LISTA DE SIGLAS

APA	Área de Proteção Ambiental
DEAGRO	Departamento de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe
PDDU	Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano
SEMARH	Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
SPSS	<i>Statistical Package of Social Sciences</i>
UC	Unidade de Conservação
UCs	Unidades de Conservação

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>19</b>
2.1 Desenvolvimento e meio ambiente: enfoque no processo de urbanização .....	19
2.2 Áreas verdes urbanas.....	22
2.3 Área de proteção ambiental no contexto das unidades de conservação brasileiras.....	24
2.4 Percepção ambiental e sua contribuição para a gestão ambiental .....	27
<b>3 MATERIAIS E MÉTODO.....</b>	<b>31</b>
3.1 Caracterização da área de estudo .....	32
3.2 Métodos de abordagem .....	34
3.2.1 Pesquisas bibliográficas e documentais .....	34
3.2.2 Coleta e análise das informações.....	35
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>37</b>
4.1 O Perfil dos visitantes do Parque Governador José Rollemberg Leite .....	38
4.2 Percepção dos visitantes sobre a vegetação e a Mata Atlântica do parque.....	42
4.3. Percepção dos visitantes sobre o parque.....	53
4.2.1 A percepção dos visitantes sobre os atrativos e equipamento de lazer do parque.....	54
4.2.2 A percepção dos visitantes sobre a segurança do parque .....	69
4.2.3 A percepção dos visitantes sobre a Infraestrutura do parque .....	73
4.2.4 A Percepção dos visitantes sobre o parque referenciada nos fatores relacionados à saúde e à espiritualidade .....	77
4.3 Laços afetivos dos visitantes em relação ao parque .....	77
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>85</b>
<b>APÊNDICE A – FORMULÁRIOS DE ENTREVISTAS .....</b>	<b>92</b>

# INTRODUÇÃO

## 1 INTRODUÇÃO

Um ambiente urbano dotado de áreas verdes agrega valor à cidade e melhora a satisfação e o bem estar social, pois, podem trazer benefícios, como a melhoria da qualidade do ar, diminuição da sensação térmica, além de propiciar espaço para o desenvolvimento do lazer e interação social (SANTOS; GOMES; GOMES; SANTANA, 2013).

As áreas verdes no ambiente urbano possuem funções distintas, algumas são instaladas em canteiros nas avenidas ou calçadas, e contribuem na diminuição do calor e no paisagismo da cidade, outras estão inseridas nas praças e parques públicos (SANTOS, 2013).

Tais áreas possuem uma tendência a serem procuradas pela população devido à oportunidade que oferecem no que se refere ao lazer e o contato direto com a natureza. Terborgh; Schaik (2002), consideram que os benefícios derivados da conservação da natureza são intangíveis e podem ser relacionados com recreação, bem-estar físico e o valor intrínseco da própria natureza.

Em Aracaju, os moradores que dedicam um tempo para o lazer preferem praticá-lo em áreas naturais, como praias, mar, praças, e áreas verdes, o que indica um forte elo desses com o ambiente natural no espaço urbanizado (FRANÇA; SANTOS; GOMES, 2013). Em relação às áreas verdes do município de Aracaju, verifica-se que existe um déficit, pois, apenas 14,8% destas áreas são classificadas como pertencentes àqueles tipos de áreas verdes de acesso ao público (SANTOS, 2013).

As Unidades de Conservação possuem um papel relevante no que se refere à disponibilidade de área verde para lazer. Quando essas áreas estão inseridas no perímetro urbano tendem a melhorar a qualidade ambiental e o bem-estar dos moradores. Entretanto, enquanto algumas categorias de Unidades de Conservação apresentam restrições quanto ao uso público, outras permitem o uso de acordo com critérios estabelecidos no plano de manejo (BRASIL, 2000).

Os parques (primeira categoria de unidade de conservação criada no mundo moderno) surgiram com o desenvolvimento da Revolução Industrial, pois, esses espaços foram criados como opção de lazer para os trabalhadores dentro do perímetro urbano (SOUZA, 2008). Com o tempo, novas categorias de unidades de conservação foram surgindo e os parques urbanos puderam fazer parte ou não do estabelecido no Sistema Nacional de Unidades de



Conservação (SNUC). No entanto, sendo ou não pertencente ao estabelecido no SNUC, as áreas verdes urbanas devem apresentar relevância na disposição e utilidade, pois são dotadas de cobertura vegetal. Além disso, seu planejamento deve ser voltado ao uso coletivo nas interações sociais. O poder público é responsável pelo seu gerenciamento, dessa forma, essas áreas são consideradas organizações voltadas à disponibilidade de bens e serviços à comunidade.

Os parques urbanos são espaços dotados de cobertura vegetal e devem oferecer aos cidadãos opções de lazer, diversão, desenvolvimento de atividades físicas e contato com a natureza (DORIGO; LAMANO-FERREIRA, 2015). Entretanto, para que eles funcionem com qualidade é necessário atender aos anseios e necessidades dos visitantes mantendo a conservação ambiental, o que envolve planejamento e gestão dessas áreas.

Ações voltadas ao meio ambiente (natural ou construído) dentre elas, planejamento e gestão de parques urbanos, devem levar em consideração o ponto de vista dos frequentadores e as inter-relações dele com o entorno, pois, sem a integração da percepção das pessoas qualquer intervenção ambiental tende ao fracasso (CAVALCANTE; MACIEL (2008).

Os componentes ambientais são percebidos pelos indivíduos de acordo com a sua realidade e os aspectos culturais envolvidos, sendo assim, reconhecer as diferentes percepções pode auxiliar no entendimento sobre as interações do homem com os espaços verdes públicos (DORIGO; LAMANO- FERREIRA, 2015).

Deste modo, os estudos sobre percepção são relevantes no processo de planejamento e gestão dos parques urbanos, pois as informações disponibilizadas pelos atores sociais podem contribuir nas tomadas de decisões e subsidiar ações educativas voltadas à conservação ambiental. É possível constatar a percepção de um determinado público alvo por meio de instrumentos de pesquisa e com os resultados fomentar projetos e atividades relacionadas ao meio ambiente com base na realidade deste público (MATOS, 2010).

O Parque Governador José Rollemberg Leite, em Aracaju-SE, também conhecido como Parque da Cidade, está inserido em uma Unidade de Conservação, a Área de Proteção Ambiental - APA Morro do Urubu. Esta área abriga o último remanescente florestal de Mata Atlântica da cidade, e apesar de possuir vários estudos acadêmicos (MATOS, 2010; MATOS, 2011; PINTO, 2008; BARRETO, 2009; SANTOS, GOMES; GOMES; SANTANA, 2013; ARAUJO, FREITAS, BRAGHINI, 2011), verifica-se que existe uma carência de estudos,

principalmente no que se refere à percepção dos visitantes com relação ao Parque e a percepção sobre a vegetação do bioma Mata Atlântica. Sendo assim, este trabalho se justifica por preencher essa lacuna existente que está relacionada à participação social nos processos de gestão ambiental, pois a análise da percepção dos visitantes sobre esta área irá disponibilizar informações relevantes para que os gestores desenvolvam políticas públicas voltadas aos anseios e necessidades da sociedade e à conservação ambiental da área.

Deste modo, o que motivou a abordagem desta pesquisa, foram as seguintes questões norteadoras: Qual a importância do Parque Governador José Rollemberg Leite para os visitantes? Eles reconhecem a importância da vegetação presente no parque? Eles têm noção que essa vegetação é um resquício do bioma Mata Atlântica?

Este estudo apresentou como pressupostos:

- Que a importância atribuída ao parque pelos visitantes está relacionada primeiramente ao lazer e diversão devido à presença de atrativos construídos no parque, como o zoológico e o teleférico;
- Os visitantes consideram a vegetação importante para o contato com a natureza, mas, desconhecem que se trata do último remanescente de Mata Atlântica da cidade.
- A maioria dos visitantes do parque apresenta um elo afetivo com o lugar.

Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo geral analisar a percepção dos visitantes sobre o Parque Governador José Rollemberg Leite e sobre a vegetação presente neste espaço (Mata Atlântica).

Os objetivos específicos foram: Traçar o perfil dos visitantes; Avaliar a percepção dos visitantes sobre a vegetação de Mata Atlântica; Avaliar a percepção dos visitantes sobre o parque e Identificar possíveis laços afetivos dos visitantes com o parque.

Este trabalho apresenta-se dividido da seguinte maneira:

A introdução em que foram apresentados aspectos gerais sobre esta pesquisa, assim como as questões ou problema da pesquisa, os pressupostos (hipóteses), e os objetivos.

A fundamentação teórica em que foram levantadas bibliografias sobre assuntos relacionados ao tema a fim de apresentar ao leitor os principais enfoques teóricos e conceituais sobre desenvolvimento e meio ambiente, áreas verdes urbanas, com abordagens teóricas sobre o tema de acordo com publicações de referência sobre esse tema e sobre parque urbanos; Unidades de Conservação - UCs, Área de Proteção Ambiental - APA, Plano de Manejo e Percepção Ambiental.

O procedimento metodológico com a caracterização da área de estudo, com enfoque em aspectos gerais sobre a cidade de Aracaju, o Parque Governador José Rollemberg Leite e a APA Morro do Urubu, bem como o método de abordagem geral da pesquisa e a coleta e análise dos dados.

Os resultados e ao final foram disponibilizadas todas as referências citadas.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Desenvolvimento e meio ambiente: enfoque no processo de urbanização**

A urbanização “é um processo multidimensional global que se manifesta através de rápidas mudanças na densidade populacional, em particular, com a migração de pessoas das zonas rurais para as zonas urbanas” (DIAS, 2015, p. 161). Os assentamentos urbanos são ecossistemas criados pelo homem ao longo de sua história. No século XVIII, houve uma intensificação desse processo após a industrialização, aumentando ainda mais nos séculos seguintes formando áreas densamente povoadas. Esse acelerado crescimento impactou de forma relevante o meio ambiente (DIAS, 2015).

Segundo Almada (2010), as cidades englobam seres e saberes diversificados, ou seja, são sistemas socioecológicos altamente complexos. Assim como as florestas, savanas e desertos elas funcionam como ecossistemas, ainda pouco compreendidos pelas populações humanas. De acordo com Dias (2015), as cidades devem ser consideradas como um sistema, tendo como componentes os recursos naturais, o ambiente construído (edificação de casas, edifícios, fábricas, lojas, vias de comunicação), as pessoas que a habitam e as atividades realizadas como as recreativas e educacionais.

As cidades de grande porte estão sujeitas a acidentes diversos, causados principalmente pela concentração de riscos e pelo acúmulo de problemas de gestão ambiental. O crescimento desordenado dos centros urbanos, com serviços públicos precários, saturados e deficitários, conduz a acidentes de difícil controle resultando em grandes impactos ambientais. Os riscos urbanos mais frequentes são inundações, deslizamentos de encostas, fogo e explosão, apesar de que os maiores danos nos ambientes urbanos são decorrentes da degradação progressiva da qualidade do ar e das águas e pela contaminação do solo (VALLE; LAGE, 2013).

O crescimento das cidades provocou impactos na qualidade da água, do ar, do solo e de outros recursos naturais renováveis e não renováveis comprometendo a qualidade de vida das pessoas que as habitam e as que moram no entorno (DIAS, 2015).

As cidades brasileiras estão passando por um acentuado processo de urbanização sem planejamento ambiental adequado refletindo negativamente na qualidade de vida dos

moradores e causando um empobrecimento da paisagem urbana (LOBODA; ANGELIS, 2005).

De acordo com Dias (2015), o crescimento rápido das cidades brasileiras levou a uma intensificação da problemática ambiental e de saúde pública devido a utilização irregular do solo, degradação de sítios do patrimônio cultural, estresse sobre os recursos hídricos, poluição dos aquíferos, gestão ineficiente de resíduos. Diante dos problemas relacionados ao processo de urbanização e do acelerado crescimento das cidades, deve-se buscar uma conciliação entre o desenvolvimento e a conservação dos ecossistemas, sendo que a alternativa mais plausível para que isso ocorra está centrada no planejamento ambiental (SANTOS; GOMES; GOMES; SANTANA, 2013).

O Planejamento ou ordenamento do espaço é um tema que vem sendo abordado nos estudos que envolvem a temática ambiental e o processo de urbanização. No entanto, de acordo com Santos (2004), “O momento é de reflexão sobre a eficiência do discurso teórico, bem como sobre a construção de teorias e do método. Esses são, na atualidade, os grandes entraves e os maiores desafios para esta área de conhecimento” (SANTOS, 2004, p. 29).

Os municípios brasileiros têm adotado o plano diretor como um instrumento de planejamento ambiental que orienta as atividades do poder público e da comunidade, direcionando a formulação de políticas públicas. O plano diretor corresponde a um instrumento básico voltado a uma política pública de desenvolvimento e garantia de qualidade de vida do município. Ele enfoca as comunidades humanas, o uso e a ocupação da terra, os processos da economia e provisão da infraestrutura. Como instrumento de planejamento o plano deve aprimorar a relação homem/natureza, com clareza em seus objetivos e metas. Ele é considerado relevante por identificar as aspirações da coletividade e incentivar a participação popular na elaboração do documento e na gestão do município (SANTOS, 2004).

O Estatuto das Cidades, Lei Nº 10. 257, de 10 de julho de 2001 (BRASIL, 2001), estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Segundo esta legislação, a política urbana tem por objetivo “ordenar o plano de desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade urbana” (BRASIL, 2001, Art. 2º). Para isso o aludido documento estabelece diretrizes gerais que incluem garantir o direito de cidades sustentáveis, gestão democrática com a participação popular, cooperação entre governos,

planejamento do desenvolvimento das cidades, oferta de equipamentos urbanos e comunitários e coordenação e controle do uso e ocupação dos solos.

Dentre os instrumentos da Política urbana de que trata esta lei inclui-se o planejamento municipal que faz referência ao Plano Diretor. Esta legislação elucida que:

A propriedade urbana cumpre sua função social quando atende às exigências fundamentais de ordenação da cidade expressas no plano diretor, assegurando o atendimento das necessidades dos cidadãos quanto à qualidade de vida, à justiça social e ao desenvolvimento das atividades econômicas (BRASIL, 2001).

De acordo com o Estatuto das Cidades, o Plano Diretor é um instrumento básico relacionado à política de desenvolvimento e à expansão urbana. Ele deve ser aprovado por lei municipal e fazer parte do planejamento do município. Ele é obrigatório para cidades com mais de vinte mil habitantes (BRASIL, 2001).

O Plano Diretor de Aracaju foi instituído pela Lei Complementar Nº 042 de 04 de outubro de 2000. Ele se encontra, atualmente, em fase de revisão. Segundo a legislação vigente, “O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano é um instrumento estratégico da Política de Desenvolvimento Urbano, que orienta a ação dos agentes públicos e privados, na produção e gestão do espaço urbano” (ARACAJU, 2000, Art. 2º). Segundo esta lei, a Política de Desenvolvimento Urbano do Município de Aracaju tem por objetivo “o direito à cidade, o cumprimento da função social da propriedade, a justa distribuição dos serviços públicos, da infraestrutura e dos equipamentos urbanos, a ordenação do uso e ocupação do solo e da produção do espaço urbano” (ARACAJU, 2000, Art. 2º).

Os objetivos e metas elencados no Plano Diretor de Aracaju apresentam entraves quanto à aplicação. Segundo Machado (2012), a maioria das cidades brasileiras, com mais de 20.000 moradores, foram obrigadas a elaborar este plano devido à determinação do Estatuto da Cidade a partir de 2001, o que levou a falha na elaboração desses documentos em muitos casos. De acordo com ele, o plano diretor de Aracaju foi elaborado nessas condições, deste modo, em vez de solucionar os problemas urbanos desta cidade, dificultou ainda mais a vida da maioria da população que vive em situação de exclusão. Ainda em sua visão, Aracaju necessita de um plano diretor que atenda aos anseios da maioria da população residente, que se encontram em condições precárias referentes à habitação e à saúde.

Matos (2010) ressalta a omissão da Prefeitura Municipal de Aracaju ao permitir a ocupação da APA Morro do Urubu sem qualquer ordenamento urbano, como também sua caracterização como zona de adensamento básico no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Aracaju (PDDU), sem levar em consideração a APA Estadual, o remanescente florestal de Mata Atlântica e o Parque da Cidade.

Santos (2004) enfatiza a importância da participação pública nos diversos momentos do planejamento ambiental, pois, não considerar as forças opostas às propostas do planejamento técnico, os conflitos de interesses ou os valores e representações da sociedade é um erro sem retorno. A participação popular no planejamento está relacionada à tomada de decisão em conjunto sobre aquilo que é do uso e do direito de todos. No Brasil, ainda há muito que se caminhar no que se refere à inserção popular nas diversas fases do planejamento, pois, geralmente quando isso ocorre é na fase final, o que pode levar ao comprometimento da tomada de decisão (SANTOS, 2004).

## **2.2 Áreas verdes urbanas**

Até o século XVIII, o homem era considerado superior aos animais e a vida selvagem era menosprezada. Houve um tímido avanço relacionado a essa concepção com a História Natural, devido ao respeito dos naturalistas para com as áreas naturais. Após a revolução industrial, muitas pessoas passaram a criticar o modo de vida nas cidades devido à aglomeração de pessoas e começaram a valorizar a vida no campo. O crescimento populacional, sobretudo nas cidades inglesas, deu origem a um sentimento antissocial que culminou com uma atitude de contemplação da natureza selvagem. Essa trajetória da relação homem/natureza precedeu a criação do primeiro parque no mundo, o Yellowstone, nos Estados Unidos, século XIX, como resultado de ideias preservacionistas (DIEGUES, 2004).

A vegetação tem um papel relevante à manutenção da vida no planeta, pois são os principais responsáveis pela produção de energia e oxigênio para os seres vivos através da fotossíntese (BONONI, 2014). Além de outros benefícios, ela está associada ao equilíbrio da temperatura terrestre, à drenagem da água das chuvas, e se constitui no habitat de várias espécies.



Existe uma dificuldade conceitual quanto ao uso do termo apropriado para a vegetação urbana. Ela é comumente definida no meio científico como áreas verdes, espaços/áreas livres, arborização urbana, verde urbano, sendo que na maioria dos casos a terminologia mais utilizada nas abordagens científicas relaciona-se ao termo como “áreas verdes” (BARGOS; MATIAS, 2011).

A evolução histórica e cultural dessas áreas partiu do caráter místico religioso com alusão ao paraíso constante no livro do Gênesis da Bíblia, perpassando por mitos e lendas, pelos jardins suspensos da Babilônia, chegando-se aos jardins modernos. Em diferentes épocas e culturas o uso do verde urbano se constituiu no espelho do modo de viver dos povos que o criaram. Inicialmente estes espaços possuíam uma função de dar prazer à vista e ao olfato, entretanto, no século XIX, estas áreas assumem uma função utilitária no ambiente urbano intensamente povoado. A conservação dessas áreas vem sendo cada vez mais valorizada, pois agregam valor paisagístico e de bem-estar social. Elas podem diminuir a propagação do calor irradiado pelo sol, contribuir na absorção da água das chuvas pelo solo, melhorar a qualidade do ar, diminuir os níveis de ruído e melhorar a estética urbana (LOBODA; ANGELIS, 2005).

Segundo Mazzei; Colesanti; Santos (2007), as áreas verdes urbanas são espaços livres que vêm sendo utilizados para o lazer nos centros urbanos. Essas áreas podem contribuir para a oferta de espaço arborizado destinado ao desenvolvimento de atividades físicas, lazer e diversão aos habitantes das cidades.

De acordo com Loboda; Angelis (2005), as áreas verdes trazem benefícios ao seu entorno pelo volume que possuem, como também pela distribuição, além da densidade e tamanho. Principalmente no meio urbano, estas áreas proporcionam a melhoria da qualidade de vida pelo fato de garantir áreas destinadas ao lazer, paisagismo e preservação ambiental.

A conservação dos solos, da vegetação, e das águas são essenciais aos ambientes urbanos, pois, contribuem para a saúde e bem-estar dos cidadãos (PELLEGRINO, 2014). Na visão de Bononi (2014), o bem-estar transmitido pelas áreas verdes no perímetro urbano está relacionado ao microclima agradável, presença de avifauna e beleza cênica, além disso, são locais de pouso e nidificação de aves migratórias, redutos significativos da biodiversidade e podem abrigar espécies ameaçadas de extinção.

As áreas verdes urbanas podem ser consideradas elementos que expressam a natureza no ambiente urbano. As áreas verdes públicas podem servir como referência no espaço urbanizado por contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população (BOVO, 2009).

Em Aracaju, no estado de Sergipe, verifica-se que existe um déficit e uma distribuição irregular de áreas verdes para o uso coletivo associado ao lazer da população, na maioria dos bairros faltam praças e parques o que compromete o lazer e bem-estar dos moradores (SANTOS, 2013).

Os primeiros parques públicos construídos como hoje os conhecemos, com espaço aberto para a observação e contato com a natureza, foram idealizados e criados pelos ingleses (LOBODA; ANGELIS, 2005). As funções de uso dos parques urbanos foram se modificando no decorrer da história. De acordo com Hildebrand (2001), a literatura sobre parques urbanos na Europa e Estados Unidos deixa claro que existem mudanças nas funções e nos usos dos parques no decorrer do tempo, devido as transformações que ocorrem no modo de vida da população. Ainda de acordo com essas concepções, os parques urbanos demonstram as condições socioeconômicas e culturais que prevalecem em determinados locais e são espaços que visam a melhoria do nível de integração social e educativo das comunidades.

### **2.3 Área de proteção ambiental no contexto das unidades de conservação brasileiras**

De acordo com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação e da Natureza - SNUC, as Unidades de Conservação - UCs são definidas como espaço territorial dotado de recursos ambientais com característica naturais relevantes que são legalmente instituído pelo Poder Público e possuem objetivos de conservação e limites definidos (BRASIL, 2000).

As UCs são agrupadas em duas categorias, a saber:

As UCs de Uso Sustentável – estas áreas compatibilizam conservação da natureza como o uso sustentável dos seus recursos naturais. Desta forma, o uso recreativo, visitação e lazer e/ou ecoturismo podem ser executados nestas áreas, sendo que de forma sustentável. Fazem parte dessa categoria: Área de Proteção Ambiental, Área de Relevante Interesse Ecológico, Floresta Nacional, Reserva Extrativista, Reserva de Fauna, Reserva de

desenvolvimento Sustentável e Reserva Particular de Patrimônio Natural (INVING; AZEVEDO, 2002).

As UCs de Proteção Integral – estas áreas têm como objetivo principal a preservação da natureza. Nesse tipo de Unidade de Conservação não é permitida a visitação, com exceção do Parque Nacional, do Monumento Natural e do Refúgio da Vida Silvestre. Nessa tipologia são enquadradas a Estação Ecológica, a Reserva Biológica, o Parque Nacional, o Monumento Natural e o Refúgio da Vida Silvestre (INVING; AZEVEDO, 2002).

A criação e o manejo de UC em áreas urbanas contribuem para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, pois aumentam a disposição de áreas destinadas ao lazer em metrópoles ou cidades médias com um déficit de áreas voltadas à recreação e com finalidades ecológicas. Entretanto, o objetivo da existência de uma UC não é exclusivamente o de proporcionar lazer na cidade, sendo assim, a visitação deve ocorrer de acordo com as diretrizes definidas no Plano de manejo da área. (MAZZEI; COLESANTI; SANTOS, 2007).

A Área de Proteção Ambiental - APA é uma UC de uso sustentável. Segundo Silva (1996), esta área visa a conservação da vida silvestre, a manutenção de bancos genéticos e espécies raras da biota regional, como também, dos demais recursos naturais, através da adequação e orientação das atividades humanas na área, promovendo a melhoria da qualidade de vida da população.

O SNUC define a APA como sendo área com ocupação humana que possui atributos abióticos, bióticos estéticos ou culturais. Elas apresentam relevância com relação à qualidade de vida e o bem-estar dos cidadãos, visam proteger a diversidade biológica e disciplinar o processo de ocupação de forma a assegurar a sustentabilidade dos recursos naturais (BRASIL, 2000).

A APA Morro do Urubu, localizada na Zona Norte da cidade de Aracaju, no Estado de Sergipe, apresenta uma área de 213,8724 hectares, e é o único remanescente de Mata Atlântica desta cidade, um dos motivos que a enquadrou na categoria de Unidade de Conservação através do decreto nº 13.713, de 14 de junho de 1993, devido à necessidade de proteção desta área (PINTO, 2008).

O uso público é permitido em uma APA, desde que haja compatibilidade com o Plano de Manejo, que é um instrumento que autoriza e direciona a visitação nas Unidades de Conservação.

O plano de manejo é um instrumento de gestão necessário a essas áreas, visto que os problemas relacionados à gestão, como o número excessivo de visitantes, a falta de verbas e de pessoal, são alguns dos problemas que ameaçam a conservação de áreas protegidas. O SNUC estipula um prazo de cinco anos a partir da data da criação para que as unidades de conservação criem o seu plano de manejo. A elaboração, atualização e implementação do plano de manejo deverá ser realizada com a participação da comunidade no entorno destas áreas (BRASIL, 2000).

As áreas protegidas quando estão inseridas em áreas urbanas podem contribuir na manutenção do equilíbrio ecológico e também propiciar o bem-estar da humanidade para uma boa qualidade de vida. Entretanto, é necessário um plano de manejo que direcione as atividades desenvolvidas nas Unidades de Conservação estabelecendo um zoneamento contendo as possíveis áreas de visitação e uso público (MAZZEI; COLESANTI; SANTOS, 2007).

Muitas das UCs do país ainda não possuem o seu plano de manejo, ou quando possuem, estão desatualizados. Essa carência pode ter como consequência uma potencialização da degradação dos recursos naturais, como também, alteração dos ecossistemas devido às interferências humanas (MAZZEI; COLESANTI; SANTOS, 2007).

Apesar de ser uma Unidade de Conservação e abrigar um importante remanescente de Mata Atlântica da Cidade de Aracaju, a APA Morro do Urubu ainda não possui um plano de manejo. Matos (2010), em estudo realizado nesta área constatou que esta APA possui apenas um Plano de Gestão que foi elaborado em 2005. Neste documento constam propostas de medidas para a restauração, institucionalização e fortalecimento do sistema de Gestão da APA.

Segundo Silva, Melo & Souza (2011), a falta do plano de manejo na APA Morro do Urubu leva ao comprometimento desse remanescente florestal, visto que o território desta APA vem sendo utilizado para o desenvolvimento de diversas atividades, dentre elas o turismo desordenado, o que constitui um entrave para a conservação ambiental (SILVA; MELO & SOUZA, 2011).

## 2.4 Percepção ambiental e sua contribuição para a gestão ambiental

A crise ambiental global coloca em debate o destino dos ecossistemas planetários e a sobrevivência da espécie humana devido às ameaças que se encontram presentes no mundo atual (COIMBRA, 2014; DUPAS, 2008). Essa retomada à questão ambiental se faz necessária para considerá-la como uma realidade total que está relacionada à manutenção da vida no planeta. A ideia de meio ambiente na atualidade é incompatível com as ideias reducionistas e formulações emocionais que perdurou por tempos perante a humanidade. Deste modo, conceitos vulgares e imprecisos devem ceder lugar a uma conceituação científica que relacione várias ciências. A natureza deve ser pensada como possuidora de valor intrínseco e como uma realidade histórica com seus aspectos naturais e a transformação feita pelo homem, sendo assim, ela deve ser tratada como uma realidade social (COIMBRA, 2014).

A temática ambiental assolada pela crise que se verifica na atualidade vem agregando diversas áreas do conhecimento devido à necessidade de estudos interdisciplinares nas abordagens relacionadas. Alguns campos do conhecimento como a biologia e a geografia apresentam clara relação com essa temática, no entanto, em outras áreas essa vinculação não se encontra tão aparente, mas que se tornam fundamentais na compreensão que norteia a crise ambiental. As diversas áreas do conhecimento, a exemplo da antropologia, vêm apresentando potencial no estudo das questões ambientais (WADMAN, 2006).

A percepção tem apresentado relevância no contexto das questões ambientais. As sociedades interagem e transformam o meio que habitam com base em suas percepções de mundo alicerçadas em códigos culturais e em formas específicas de representação da realidade (WALDMAN, 2006). A percepção como tema específico surgiu com a fisiologia e a psicologia, entretanto, as demais áreas do conhecimento foram dando novo significado ao termo a fim de tornar compreensível a relação do homem com o ambiente (KUHNEN, 2011). Áreas como a psicologia e a antropologia têm corroborado no estudo da percepção (WALDMAN, 2006).

A percepção apresenta uma amplitude considerável de definições, o que leva a uma aparente subjetividade. O termo percepção tem sua origem do latim *perception*, que expressa combinação dos sentidos, utilizado no intuito de reconhecer os estímulos externos, ou ainda, como intuição, imagens, representações, de acordo com definições da língua portuguesa. Entretanto, a percepção, no seu sentido mais amplo, é mais que um reconhecimento de

estímulos, pois ela requer uma interação com o mundo e permite compreender vários aspectos da realidade (KUHNEN, 2011).

Os sentidos (audição, visão, tato, paladar, olfato) detectam energia ambiental e substâncias químicas invisíveis aos olhos humanos transformando-os em eventos sensoriais como sons, imagens, odores, toques, sentimentos, vibrações. O aparelho perceptivo humano capta informações ambientais de formas diferenciadas e o cérebro irá interpretá-las com base nas experiências vividas pelo indivíduo. Deste modo, a percepção dos fenômenos ambientais é mais que uma simples captação de informações pelos órgãos dos sentidos, pois há uma integração deles atuando na percepção dos objetos. O ato perceptivo envolve a captação sensorial e a integração significativa, deste modo, as percepções são subjetivas, por existirem na consciência de uma pessoa, como também objetivas pela qualidade que estimulará as sensações. Sendo assim, a percepção envolve captação e participação das qualidades dos objetos de um fenômeno alienado aos elementos da memória, do raciocínio, do sentimento, ou seja, é uma mistura das qualidades objetivas dos sentidos com os elementos subjetivos de cada indivíduo.

A percepção se refere ao produto dos processos psicológicos como significados, relações, contextos, julgamentos, experiências passadas, memória. Ela pode ser compreendida como informações recebidas e processadas por um organismo e que pode levar a formação da consciência de um indivíduo sobre o meio ambiente (JORGE, 2011).

Perceber um fato, fenômeno ou realidade corresponde a ter um conhecimento mais aprofundado sobre eles, pois a percepção é o primeiro passo no processo de conhecimento e dela dependem aspectos teóricos e práticos. Uma falha na percepção pode conduzir a conclusões falsas ou equivocadas, sobre pessoas, fatos ou mesmo em análises e práticas que envolvem o meio ambiente (COIMBRA, 2014).

A percepção voltada ao estudo das questões ambientais teve sua origem na década de 1960 a partir do estudo da Psicologia Ambiental, que caracteriza o ambiente como o meio físico, natural ou construído em associação aos aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais e psicológicos e as pessoas são partes integrantes desse conjunto. A partir de então, a percepção ambiental foi ganhando forma e se disseminando por várias áreas do conhecimento englobando termos de bases teóricas da fenomenologia com contribuições das obras de

Merleau-Ponty sobre a *Fenomenologia da percepção* e de Bachelard *Poética do espaço* (KUHNEN, 2011).

Alguns autores relacionam a percepção ambiental a uma compreensão mais ampla do meio ambiente (COIMBRA, 2014), outros a uma percepção social que engloba a interação homem-ambiente (GOMES; OLIVEIRA; COSTA; MAROTI, 2010). De acordo com Oliveira; Corona (2008), o estudo sobre percepção ambiental se constitui num meio de compreender como as pessoas adquirem seus valores, compreendem suas ações e se sensibilizam com a crise socioambiental. Com base no conhecimento desses valores e ações sociais sobre o meio ambiente é possível elaborar propostas de Educação Ambiental que sejam eficazes, que atinjam a sociedade de forma efetiva, provocando mudanças voltadas à sustentabilidade socioambiental.

As respostas ou manifestações decorrentes da percepção ambiental devem ser tomadas como resultados das percepções individuais ou coletivas, dos processos cognitivos envolvidos, dos julgamentos, bem como, das expectativas de cada pessoa (VILLAR et al, 2008).

A percepção sobre um determinado objeto pode envolver componente afetivo que contribui para a imagem representada, sendo que algumas impressões podem ser captadas de forma intensa, dependendo da atenção, interesse afetivo, atitude planejada, estado de ânimo e emocional do indivíduo (JORGE, 2011). Sendo assim, compreender a percepção em seu sentido mais amplo voltado a sua relevância no trato das questões ambientais conduz a compreender alguns conceitos que são considerados temas básicos em psicologia ambiental (CAVALCANTE; ELALI, 2011), como o de espaço e lugar, elo afetivo e identidade com o lugar.

Segundo Cavalcante; Nobrega (2011), o espaço pode ser entendido como uma área geográfica ou a extensão entre dois pontos, ele é caracterizado por sua exterioridade em relação ao indivíduo, portanto, é neutro por não se atribuir a ele significado. O Lugar, no entanto, é considerado um espaço que nos identificamos, ou seja, onde moramos, trabalhamos, nos divertimos, vivemos. É uma referência para o indivíduo, com seus limites definidos, onde se estabelece parada. Lugar é um espaço com significação e valor para uma pessoa pela vivência e pelos sentimentos. Pode ser considerado um espaço com o qual se estabelece relação. A identidade de lugar se refere a uma subestrutura da identidade de uma

pessoa construída a partir da interação dela com seu entrono físico e social. Ela está relacionada à percepção de um conjunto de cognições e vínculos emocionais ligados ao entorno e que apresentam significado para o sujeito (CAVALCANTE; NOBREGA, 2011).

Para Tuan (1983), espaço e lugar são termos familiares que estão relacionados a experiências comuns. O significado de espaço e lugar muitas vezes se confunde, no entanto, espaço é mais abstrato do que lugar, pois o espaço é indiferenciado e transforma-se em lugar conforme o conhecemos melhor e o dotamos de valor.

A Topofilia consiste num neologismo criado por Yi-fu Tuan e se refere a todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente ou lugar. Ele faz menção ao termo Topofilia como o sentimento de um indivíduo com o lugar. Para ele o meio ambiente pode não corresponder diretamente a esse sentimento, no entanto, ele fornece o estímulo sensorial que ao agir com a imagem percebida pode despertar alegrias e ideais. Na concepção desse autor, aquilo que damos valor parte do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época. As pessoas buscam locais ideais, apesar de que os gostos individuais variam. Deste modo, pode-se considerar a Topofilia como um sentimento pelo lugar ancorado pelas alegrias e ideais que foram despertados com o auxílio dos estímulos sensoriais e a imagem percebida (TUAN, 1980).

O significado e o valor de um espaço para o indivíduo pode envolver suas vivências, seus sentimentos, ou seja, um elo afetivo pautado no estabelecimento de uma relação existente. Segundo Elali; Pinheiro (2008), apesar de pouco explorada, a afetividade na discussão das relações pessoa-ambiente tem ganhado destaque devido ao reconhecimento de sua importância.

Ainda de acordo com as ideias de Tuan (1980), existe diferença na percepção entre turistas e o nativo, pois o turista apresenta um ponto de vista simples, de fácil enunciado, superficial ou essencialmente estético, enquanto que o nativo tem uma atitude complexa, devido seu envolvimento na totalidade de seu meio ambiente.



## **MATERIAIS E MÉTODO**

### 3 MATERIAIS E MÉTODO

#### 3.1 Caracterização da área de estudo

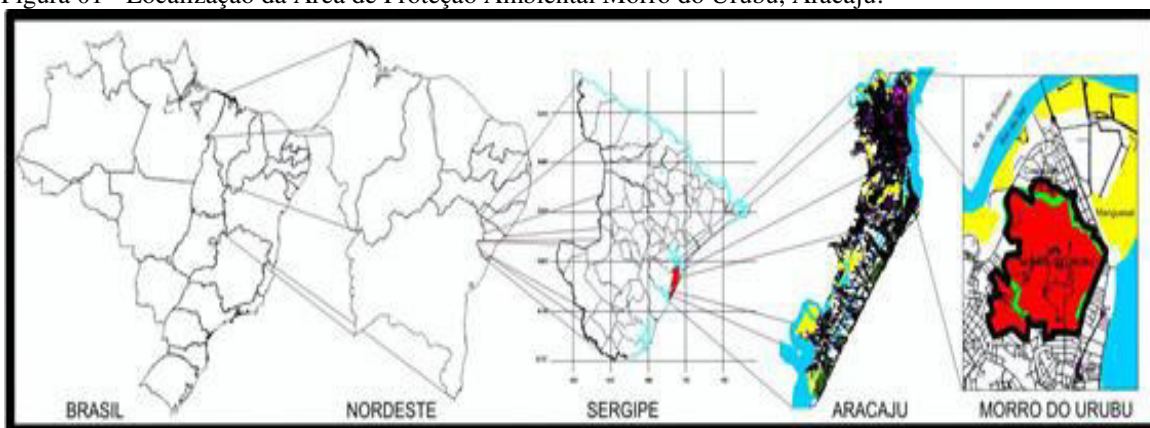
Aracaju é uma cidade litorânea com uma população estimada de 571. 149 hab. em 2010. O projeto desta cidade ocorreu em 1855, devido a necessidades econômicas, mas foi somente em 1865 que ela se firmou como capital do estado de Sergipe (IBGE, 2015).

O Parque Governador José Rollemberg Leite, conhecido como Parque da Cidade, é um dos Parques urbanos da cidade de Aracaju. Ele foi inaugurado em 12 de março de 1979, com uma área de 750 mil metros quadrados e sua estrutura inicial era composta por parque infantil, quiosque com churrasqueiras, restaurantes, quatro quadras poliesportivas, dois campos de futebol, pomar, lago artificial, vias de circulação e local para práticas do aeromodelismo, pista para bicicross e zoológico (GRAÇA, 2005).

Ele contribui para a conservação da biodiversidade *in situ* (nativas) e *ex situ* (espécies exóticas, muitas encontradas no zoológico). Sua relevância na conservação da biodiversidade está relacionada ao fato desta área abrigar espécies de vegetação com catalogação de 138 espécies, 110 gêneros e 57 famílias, além de outras ainda não catalogadas. O parque possui espécies que estão na lista de extinção do país, como o Pau-brasil (*Caesalpinia echinata*) e o Ingá (*Inga edulis*). Esta área possui no seu interior um zoológico com mais de 400 espécies de animais como, aves, felinos, répteis e primatas. Algumas estão na lista de espécies ameaçadas de extinção, como por exemplo, o macaco prego (*Cebus apella*) (SILVA; MELO & SOUZA, 2011).

Este parque foi criado com a função de propiciar lazer e diversão e contato com a natureza aos moradores, entretanto, por abrigar o último remanescente de Mata Atlântica dessa cidade, foi criada a APA Morro do Urubu (Figura 1), em 1993, para servir como uma zona de amortecimento do remanescente florestal, pois o entorno desta área encontra-se urbanizada (MATOS, 2010).

Figura 01 - Localização da Área de Proteção Ambiental Morro do Urubu, Aracaju.



Fonte: MATOS, A. A. (2010), adaptação da Base Cartográfica PMA/SEPLAN (2005).

A APA Morro do Urubu possui uma área de 213,8724 ha e foi estabelecida pelo Decreto 13.713 de 15 de junho de 1993 (SERGIPE, 1993). Ela limita-se com o rio do Sal na porção norte, com o Rio Sergipe ao Sul e ao Oeste limita-se com a Zona Norte que possui áreas urbanizadas (SOUZA, 2004; SANTOS; GOMES; GOMES; SANTANA, 2013).

Nesta APA são encontrados ecossistemas com rica biodiversidade como a Mata Atlântica, que se encontra em estágio médio de regeneração, constituindo-se como o único vestígio do município de Aracaju, Manguezal que é encontrado nas áreas de influência, o Cerrado, que se constitui em boa parte da APA, 11,28 %, Pastagens, que são encontrados em criatórios familiares de bovino e equino e Pomares que são encontrados no próprio parque e em algumas áreas no entorno, principalmente em áreas residenciais (SOUZA, 2004).

A APA Morro do Urubu possui alguns entraves relacionados a planejamento e gestão como falta de plano de manejo, um instrumento de gestão necessário nesse tipo de Unidade de Conservação, desconhecimento da população residente na área sobre a caracterização dela como uma APA, além de desarticulação entre os órgãos gestores que atuam na área (MATOS, 2010). Ela é administrada pela Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos - SEMARH, enquanto que o Parque Governador José Rollemberg Leite é administrado pelo Departamento de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe – DEAGRO (PINTO, 2008).

### 3.2 Métodos de abordagem

O método de abordagem geral desta pesquisa é o fenomenológico, pois, a fenomenologia descreve os fenômenos, essência ou significado das realidades, sejam materiais, naturais, ideais e culturais. Esse método corresponde ao estudo dos fenômenos em sua essência, tal qual se apresenta. Ele trata de descrever, de compreender, interpretar e demonstrar um fenômeno como ele se apresenta á consciência, e não por leis. O filósofo J. H. Lambert foi o possível criador do termo fenomenologia, no século XVIII, a fim de designar o estudo descritivo do fenômeno como ele se apresenta a nossa experiência. Entretanto foi a corrente filosófica fundada por Edmund Husserl que apresentou a fenomenologia como método de fundamentação da ciência e de constituição da Filosofia como uma ciência rigorosa (RODRIGUES, 2006).

Esta pesquisa apresenta característica quantitativa, pois foram utilizados recursos e técnicas estatísticas na quantificação, análise e interpretação de dados, o que a torna quantitativa nesta fase. Segundo Rodrigues (2006), neste tipo de pesquisa podem ser utilizados programas computacionais na captação e representação gráfica dos dados.

No entanto, esta pesquisa também apresenta características qualitativas, que é utilizada na investigação de problemas relacionados a aspectos psicológicos, opiniões, comportamentos, atitudes de indivíduos ou de grupos. É por esse método que o pesquisador tenta descrever e interpretar os dados, fatos ou teorias em suas complexidades (RODRIGUES, 2006).

Deste modo, a pesquisa apresenta características quali-quantitativas e o no seu desenvolvimento foram utilizadas pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas.

#### 3.2.1 Pesquisas bibliográficas e documentais

As pesquisas bibliográficas são realizadas a partir de fontes secundárias, como material já publicado (RODRIGUES, 2006), sendo assim, foram realizadas em todas as fases da pesquisa, com consultas a livros, revistas, artigos científicos, Dissertações e Teses de forma a explorar a literatura relacionada ao tema pesquisado.

Foram realizadas também consultas documentais, em fontes primárias de informações (RODRIGUES, 2006), neste caso foram consultados Decretos e Legislações sobre a área em estudo.

### 3.2.2 Coleta e análise das informações

As entrevistas são técnicas de coleta de dados, trata-se de uma discussão orientada de acordo com objetivos definidos, que leva o entrevistado a decorrer sobre um tema através de um interrogatório, levantando dados que serão utilizados na pesquisa. Nas entrevistas semiestruturadas, as questões deverão apresentar uma sequência lógica iniciando com questões de respostas objetivas e diretas até se chegar as que exijam julgamento, descrição, reflexão e conhecimento referente ao tema (ROSA; ARNOLDI, 2008). Nesta pesquisa aplicou-se entrevista do tipo semiestruturada com perguntas abertas e fechadas, com a utilização de formulários (APENDICE A). Segundo Rodrigues (2006) o formulário é um instrumento de coleta de dados preenchido pelo entrevistador ou por auxiliares devidamente treinados e permite ser aplicado a um número determinado de informantes.

As entrevistas foram realizadas na entrada do zoológico com alternância em horários e dias de semana e finais de semana.

O parque não possui dados atualizados sobre o número de visitas mensais. Sendo assim, optou-se pela amostragem não-probabilística por julgamento, pois, de acordo com Alencar (1999), neste tipo de pesquisa é o especialista no assunto a ser pesquisado que escolhe a mostra, considerando ser a melhor para o estudo. Deste modo, a amostra desta pesquisa foi constituída por pessoas com idade acima de 16 anos, e englobou visitantes que moram no entorno do parque, que moram em outros bairros de Aracaju e turistas.

Foram realizadas 300 entrevistas, entre os meses de abril a novembro de 2016.

O projeto de pesquisa passou pelo comitê de ética da Plataforma Brasil com protocolo de aprovação nº 58949316.2.0000.5546.

As perguntas fechadas foram submetidas a tabulação dos dados através do *software* SPSS v15(*Statistical Package for the Social Sciences*).

As perguntas abertas foram submetidas a um agrupamento das palavras em categorias de acordo com o significado do núcleo central das frases (BARDIN, 2011). As categorias

foram definidas durante a análise dos dados. Após o agrupamento, cada categoria recebeu um código numérico que permitiu a tabulação dos dados através do *software* SPSS v15(*StatisticalPackage for the Social Sciences*).

Segundo Marconi; Lakatos (2010), a Codificação corresponde a uma técnica operacional utilizada para categorizar os dados que se relacionam, transformando-os em símbolos que permitem a tabulação e contagem.

Entretanto as perguntas abertas também foram analisadas de forma interpretativa com destaque de trechos das respostas dos entrevistados, quando apresentavam maior riqueza de informações.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

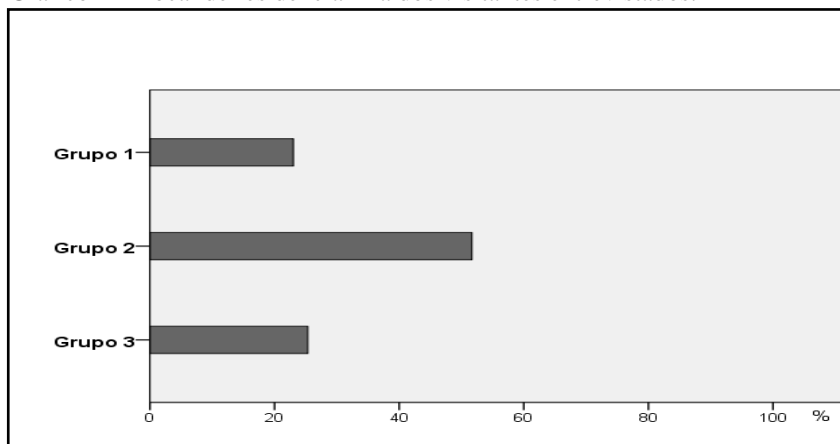
## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 O Perfil dos visitantes do Parque Governador José Rollemberg Leite

Os visitantes que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa, após a aplicação do questionário, foram classificados em três grupos (Gráfico 1) para facilitar a identificação do local de residência fixa, como segue abaixo:

- Grupo 1, correspondeu aos visitantes que residem no entorno do Parque, nesse grupo foram considerados os bairros Industrial, Porto Dantas e Coqueiral, que correspondeu a um percentual de 23% dos entrevistados;
- Grupo 2, foi formado pelos visitantes que residem em outros bairros de Aracaju, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão, devido à proximidade entre essas cidades elas foram agrupadas em uma única classe. A maioria dos entrevistados pertenceu a esse grupo, que apresentou um percentual de 51,7%;
- Grupo 3, representou os visitantes que residem em outras cidades do estado de Sergipe, turistas nacionais e internacionais, que correspondeu a 25,3% dos entrevistados.

Gráfico 1 – Local de residência fixa dos visitantes entrevistados.



Fonte: dados da pesquisa, 2016.



Com relação ao sexo das pessoas que foram entrevistados, verificou-se que houve uma proximidade entre os percentuais, sendo que a maioria, 52%, foi do sexo feminino.

O acesso ao parque dá-se por vias pavimentadas em que se pode ir ao parque a pé, ou utilizando-se meios de transporte públicos ou particulares. O transporte público coletivo passa em frente ao parque (Figura 2) e logo na entrada principal existe um ponto de ônibus coletivo construído pela prefeitura com o mesmo tipo de estrutura utilizado em outras partes da cidade (Figura 3).

Figura 2 – Transporte coletivo passando na via em frente do parque.



Fonte: trabalho de campo 2016.

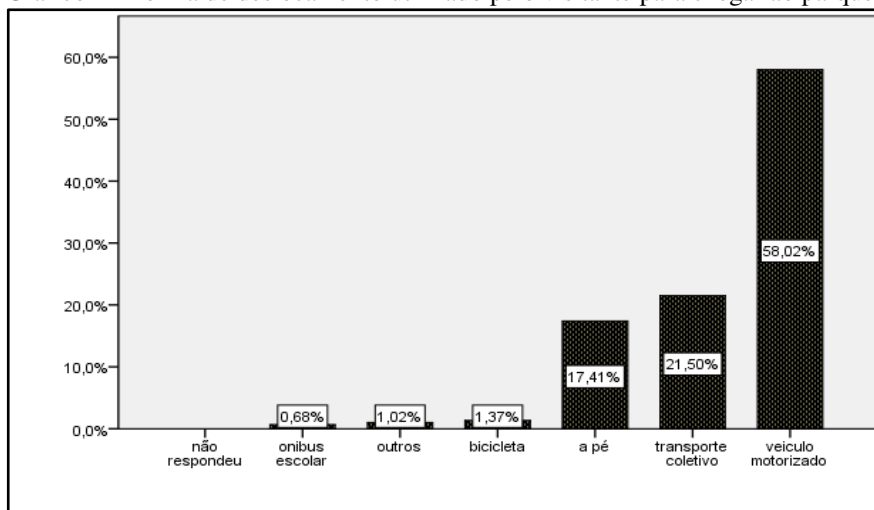
Figura 3 – Ponto de ônibus coletivo localizado em frente ao parque.



Fonte: trabalho de campo 2016.

A forma de deslocamento mais citada pelos visitantes entrevistados para se deslocarem de sua residência fixa até o parque foi o veículo motorizado próprio, equivalendo a 58 % das respostas, a segunda opção foi o transporte coletivo (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Forma de deslocamento utilizado pelo visitante para chegar ao parque.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

No que se refere ao grau de escolaridade, verificou-se que a maioria dos entrevistados possui o ensino médio completo, 52,3%, ensino médio incompleto, 17,7%, e ensino superior completo, 12,0% (Tabela 1).

Tabela 1 – Grau de escolaridade dos visitantes entrevistados.

Escolaridade	Porcentagem (%)
Ensino fundamental completo	3,0
Ensino fundamental incompleto	6,7
Ensino médio completo	52,3
Ensino médio incompleto	17,7
Ensino superior completo	12,0
Ensino superior incompleto	6,3
Pós-graduação completa	1,3
Pós-graduação incompleta	0,7
Total	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

A maior parte dos entrevistados encontra-se na faixa etária entre 16 a 39 anos. A faixa etária com menor percentual entre os entrevistados foi a de pessoas com 50 anos ou mais (Tabela 02).

Tabela 02 – Faixa etária dos entrevistados.

<b>Idade</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
16-29	39,7
30-39	36,7
40-49	16,7
50 ou mais	7,0

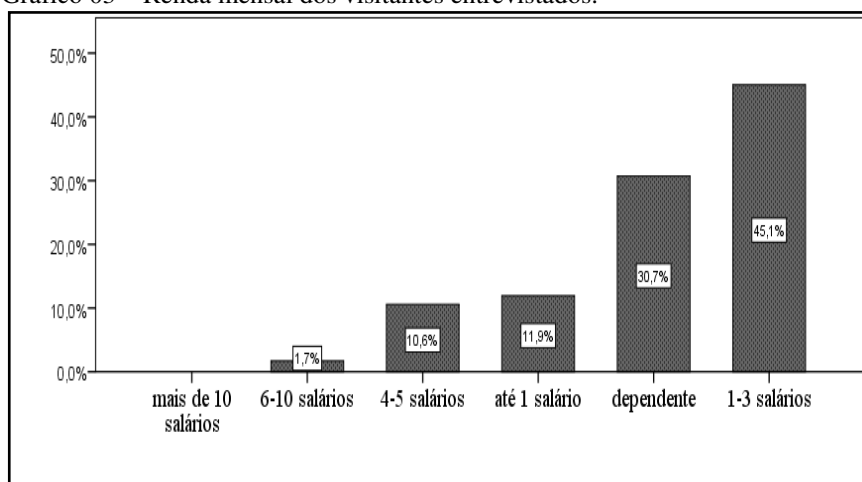
Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Com relação ao número de dependentes, 26,7% dos entrevistados afirmaram não ter dependentes, 49,7% possuem de 1 a 2 dependentes, 22,0% possuem de 3 a 5 dependentes, 1,3% entre 6 e 7 dependentes e 0,3% dos entrevistados possuem de 8 a 10 dependentes.

A maioria dos visitantes que participaram da pesquisa possui emprego formal, 48,7%; sendo que 14,3% possuem emprego informal; 14,3% é estudante; cuidador do lar, 10,3% aposentado, 3%, pensionista 0,3% e outros 9%.

A renda mensal dos entrevistados com maior incidência foi de 1-3 salários mínimos, o que representou um percentual de 45,1 %. Entretanto, 30,7 % afirmaram ser dependentes (Gráfico 03). O parque recebe grupos diversificados, porém, muitos são formados por familiares em que os pais se deslocam até o parque com seus dependentes e amigos.

Gráfico 03 – Renda mensal dos visitantes entrevistados.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Nesta pesquisa, os dados de campo demonstraram que as pessoas que residem no entorno do parque realizam visitas com maior frequência, visto que 49,3% afirmaram ir ao parque de 3-6 vezes ao ano, com relação aos moradores de outros bairros da cidade, a maioria, 32,9%, responderam que passam mais de um ano sem visitar o parque, entre os moradores mais distantes e turistas, a maioria afirmou que estavam visitando o parque pela primeira vez (Tabela 03).

Tabela 03 – Número de visitas ao parque por ano.

Grupo 1	Passa mais de um ano sem visitar	2,9%
	1-2 visitas ao ano	18,8%
	3-6 visitas ao ano	49,3%
	7 -12 visitas ao ano	15,9%
	Acima de 12 visitas ao ano	13,0%
	Total	100%
Grupo 2	Primeira visitação	12,3%
	Passa mais de um ano sem visitar	32,9%
	1-2 visitas ao ano	27,1%
	3-6 visitas ao ano	18,1%
	7 -12 visitas ao ano	3,9%
	Acima de 12 visitas ao ano	5,8%
	Total	100%
Grupo 3	Primeira visitação	55,3%
	Passa mais de um ano sem visitar	18,4%
	1-2 visitas ao ano	26,3%
	Total	100%

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

#### 4.2 Percepção dos visitantes sobre a vegetação e a Mata Atlântica do parque

Os benefícios das áreas arborizadas no perímetro urbano incluem elementos interligados à composição da atmosfera, equilíbrio do solo, clima e vegetação, como também, a melhoria da estética urbana.

A contribuição das áreas verdes urbanas vai de ecológica, em que os elementos naturais minimizam os impactos da industrialização, a estética, como também, social, voltada ao lazer da população (LOBODA; ANGELIS, 2005).

Os parques públicos de recreação são espaços geralmente associados à vegetação e têm como objetivo atender as necessidades de lazer e recreação da população e cumprem a função de área verde urbana (SANTOS, 2013). Esses espaços são cada vez mais valorizados à medida que diminuem no perímetro urbano por transmitir bem-estar e microclima agradável, apresentando riquezas naturais e beleza da paisagem (BONONI, 2014).

A importância que os visitantes entrevistados atribuíram ao parque em estudo está relacionada, principalmente, à contemplação da natureza representando um percentual de 64,7% das respostas, entretanto, ao analisar as múltiplas respostas dos entrevistados, a contemplação da natureza foi associada a outros aspectos como tranquilidade, segurança, convívio social e lazer/diversão, representando então um percentual de 69,4% do total de respostas (Tabela 04).

Tabela 04 - O que o visitante considera mais importante dentro do parque.

Nada	0,7%	
Tudo	3,0%	
Contemplação da natureza	<b>64,7%</b>	<div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="border-left: 1px solid black; height: 100px; margin-right: 5px;"></div> <div style="margin-left: 5px;"> <b>69,4%</b> </div> </div>
Contemplação da natureza e tranquilidade (paz e harmonia)	1,0%	
Contemplação da natureza e segurança	1,3%	
Contemplação da natureza e convívio social	0,7%	
Contemplação da natureza e lazer/diversão	1,7%	
Lazer/ diversão	5,0%	
Outros	8,0%	

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Abordada de forma direta ou mencionada em associação a outros aspectos relativos ao parque, a contemplação da natureza esteve presente em boa parte das respostas dos entrevistados, como mostram os relatos:

*“penso em natureza, está em conexão, em paz, ligada com a natureza, um refúgio do dia a dia...”* (grupo2, ent. 129).

*“me sinto bem, sentir a natureza de perto, as árvores, andar, conversando,..., onde estão os animais...”* (grupo1, ent. 29).

*“a natureza é tudo de bom”* (grupo3, ent.81).

*“o contato com a natureza, com os animais”* (grupo2, ent.178).

*“vontade né, de ficar olhando a natureza”* (grupo2, ent. 193).

Pensar na natureza, sentir-se bem ao estar em ambientes naturais, apreciar a natureza, são termos que demonstram contemplação e respeito na inter-relação estabelecida entre o homem e o seu ambiente dotado de elementos naturais.

De acordo com Tuan (1980, p.32), “Algumas paisagens naturais nos atraem”, entretanto, “Os espaços arquitetônicos são capazes de evocar certos tipos de emoção”, nesse sentido, alguns entrevistados relacionaram o parque a lazer/diversão aliado à contemplação da natureza, como se verifica abaixo:

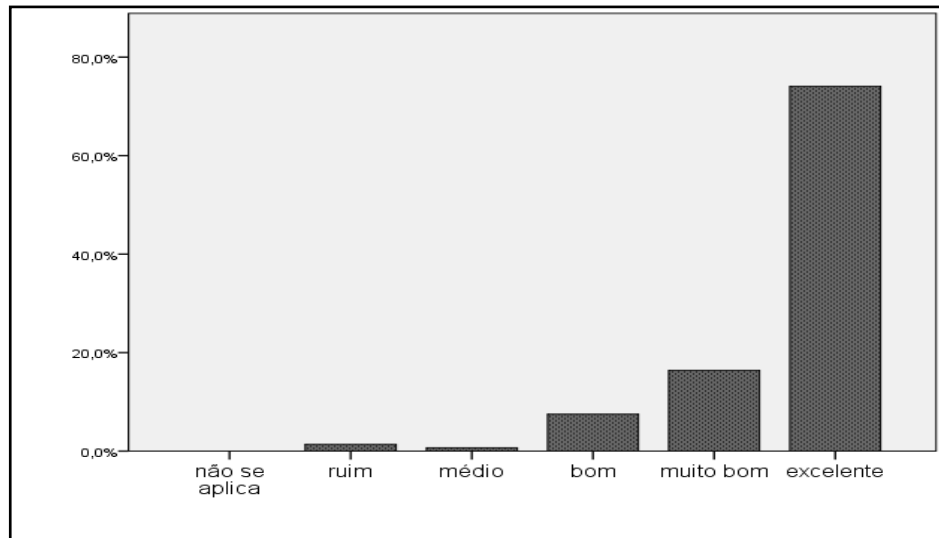
*“lazer, natureza, porque a natureza hoje é importante.”* (grupo1, ent.28).

*“lugar de diversão, contato com a natureza”* (grupo2, ent. 284).

*“diversão, beleza, vegetação, cada árvore que conheço mostro a meus filhos, manjelão, cajá, jurema, manjelão”* (grupo2, ent. 130).

Os visitantes que participaram das entrevistas foram estimulados a classificar a vegetação do parque, deste modo, ela foi avaliada por 73% dos entrevistados como sendo excelente, em detrimento de um percentual de 1,3% que a classificou como sendo ruim (Gráfico 04).

Gráfico 04 – Qualificação da vegetação nativa do parque da Cidade segundo os visitantes entrevistados.



Fonte: Dados de campo, 2016.

É relevante entender o que o meio ambiente representa para o indivíduo de forma que estas informações possam ser utilizadas para desencadear qualquer entrave na relação do homem com a natureza. O conhecimento a respeito do significado da vegetação para os visitantes do parque em estudo é necessário, visto que ele abriga importante reserva da Mata Atlântica em seu interior que precisa ser conservada (Figuras 04).

Figura 04 - Área de vegetação de Mata Atlântica vista do zoológico.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

As áreas verdes urbanas são relevantes na qualidade de vida urbana e age sobre os aspectos físicos e mentais do homem (LOBODA; ANGELIS, 2005). Sua falta pode ocasionar alterações no clima, enchentes, erosão, como também carência de áreas destinadas ao lazer da população (LIMA; AMORIM, 2006).

A importância que os visitantes entrevistados atribuíram à vegetação do parque está relacionada primeiramente à melhoria da qualidade do ar, 41,7% (Figura 43) como se verifica nos relatos abaixo:

*“é melhora o ambiente, melhora o ar puro, local diferenciado”* (Grupo1, ent. 41).

*“para a poluição, diminui a poluição, essas coisas”* (Grupo 1, ent. 43).

*“melhora a qualidade do ar, qualidade de vida dos animais e para os visitantes”* (Grupo2, ent. 24).

Os efeitos da poluição podem atingir um efeito local, regional ou global e podem se manifestar na saúde, no bem estar da população, na vegetação, na fauna, nos materiais e nas propriedades da atmosfera (ASSUNÇÃO, 2014). Deste modo, a importância da vegetação no ambiente urbano vai além da melhoria dos efeitos da poluição do ar, pois adentra o campo da melhoria na qualidade de vida nas cidades com relação aos aspectos referentes à arborização, como o conforto térmico, como se verifica em trechos das falas de alguns entrevistados desta pesquisa:

*“É muito bom, pois a cidade é quente e pouco arborizada, para o clima, faltam arvores na cidade”* (Grupo2, ent.66).

*“é muito importante, pois vivemos num mundo de pedras. Agradável.”* (Grupo2, ent. 121).

*“É importante para melhorar o ar, refresca, numa cidade isso é maravilhoso”* (Grupo2, ent.138).



As áreas verdes são um indicador de qualidade ambiental, assumem papel relevante no espaço urbano tanto no que se refere à qualidade ambiental, como também, à qualidade de vida da população (LIMA; AMORIM, 2006).

De acordo com as falas dos entrevistados transcritas, foi possível perceber que eles reconheceram as atribuições da vegetação referentes à qualidade do ar e à qualidade de vida no ambiente urbanizado.

Em alguns trechos foi possível observar ainda uma relação da melhoria da qualidade do ar associada à melhoria da respiração e da saúde em contato com a vegetação, como se pode observar nos trechos das falas dos entrevistados:

*“é importante para a saúde, ar puro”* (Grupo1, ent. 61).

*“muita coisa, ele é tudo de bom, melhora a respiração”* (grupo 1, ent. 60).

*“... melhora o pulmão, me sinto bem”* (Grupo2, ent.275).

*“conforto térmico, qualidade do ar,... faz bem a saúde”* (Grupo2, ent. 260).

*“o ar que a gente respira, pulmão de Aracaju, o mundo seria melhor assim”* (Grupo 2, ent. 292).

*“você respira melhor, descansa, sem poluição, ar puro, livre, sei lá...”* (Grupo3, ent. 83).

As áreas verdes urbanas estão cada vez mais sendo valorizadas devido a sua diminuição em decorrência do crescimento das cidades (BONONI, 2014). A vegetação de Mata Atlântica do parque se constitui na última reserva desse ecossistema na cidade, a figura 05 mostra, em primeiro plano, área de cobertura vegetal no parque e, em segundo plano, a cidade de Aracaju.

Figura 05 - Área de cobertura da vegetação de Mata Atlântica no parque.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Segundo Bononi (2014), o bem estar proporcionado pelo verde é mutuo e se relaciona ao microclima agradável, à presença de avifauna e à beleza da paisagem. Nesse sentido, verificou-se que os entrevistados atribuíram a importância da vegetação a outras questões relacionadas ao meio ambiente como conservação, preservação e natureza, seguem transcrição das falas dos entrevistados:

*“é muito importante a preservação”* (Grupo1, ent.89).

*“valorização da natureza”* (Grupo 1, ent. 204).

*“ecologia, equilíbrio da natureza”* (Grupo1, ent. 215).

*“preservação, graças ao parque não foi povoada, área verde”* (Grupo2, ent. 242).

*“melhora o ambiente, contato com a natureza, animais”* (Grupo2, ent. 263).

*“preservação de um pedaço da Mata Atlântica, oxigenação”* (Grupo3, ent. 83).

*“ecossistema, a apresentação da natureza”* (Grupo3, ent. 163).

As respostas dos entrevistados demonstraram que muitos visitantes conseguem relacionar as áreas verdes urbanas à melhoria do meio ambiente. A qualidade do ar

corresponde a um dos serviços e funções de áreas naturais, outras funções estão relacionadas à conservação, preservação e natureza, a exemplo do controle climático, controle de erosão e retenção de sedimentos, formação do solo, clivagem de nutrientes, polinização, refúgio da fauna, produção de alimentos, produção de matérias primas, recursos genéticos, recreação dentre outras (BONONI, 2014).

O termo “*cem por cento*” apareceu em alguns trechos descritos pelos entrevistados, como mostram as transcrições:

“*muita coisa, **cem por cento** importante*” (Grupo 1 ent. 172).

“*tudo, é **cem por cento***” (Grupo 2 ent. 54).

“***cem por cento**, sem ela muita coisa teria acabado*” (Grupo2, ent. 47).

“*o maior de tudo, é muito vasta, é **cem por cento**, é muito bonito, traz vida*” (Grupo 2, ent. 277).

“*tudo, **cem por cento***” (Grupo3, ent. 1).

“***cem por cento** importante, melhora tudo, o verde faz bem*” (Grupo3, ent. 30).

“***cem por cento** importante, para a saúde, para todas as pessoas e os animais*” (Grupo 3, ent. 82).

“*serve para muitas coisas, **cem por cento***” (Grupo 3, ent. 156).

“*verde é tudo, **cem por cento**, valorizo o verde daqui*” (Grupo 3, ent. 201).

“*é **cem por cento** importante para nós*” (Grupo 3, ent. 98).

Ao utilizar o termo “*cem por cento*”, esses entrevistados estavam se referindo ao fato de considerarem a vegetação muito importante tanto para conservar o parque, quanto para os animais, dentre eles, o próprio homem, visto que a vegetação, como fora descrito por outros entrevistados, melhora a qualidade do ar, conseqüentemente a saúde das pessoas.

Outros relataram que a vegetação é importante para os animais e para a produção de alimentos (Tabela 05), como se verifica nos relatos abaixo, ela é importante:

*“para os bichos, tem manga, eles se alimentam, bonito”* (Grupo 1, ent.28).

*“é importante, se não tiver é que os animais não sobrevivem”* (Grupo1, ent. 90).

*“os animais, a alimentação deles”* (Grupo1, ent. 112).

*“a natureza é bom para os animais, para nós, fresca, os bichos ficam a vontade”* (Grupo2 ent. 179).

*“estrutura a sobrevivência dos seres vivos”* (Grupo 2, ent. 247).

*“para os animais e para quem visita o parque, alimento para os pássaros”* (Grupo3, ent. 153).

*“cuidado, melhoria para os animais, cuidar bem”* (Grupo3, ent. 187).

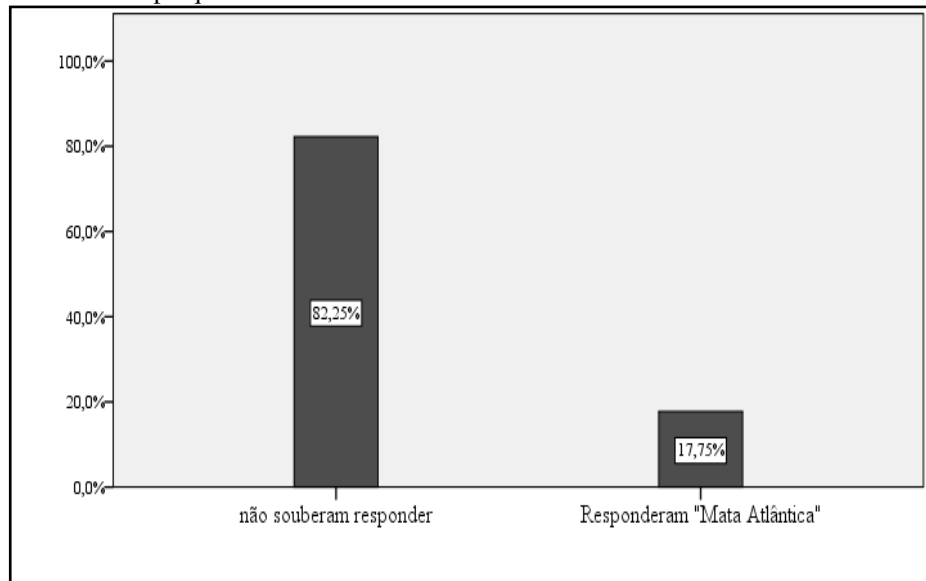
Tabela 05 - Importância da vegetação do Parque da Cidade para os entrevistados.

Contemplação, conservação, preservação e natureza.	27,7%
Melhoria da qualidade do ar e conforto térmico.	41,7%
Fundamental (importante, tudo, bom, cem por cento).	15,3%
Animais e alimentação deles.	3,0%
Não respondeu.	2,0%
Outros	10,3%
Total	100%

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Quando questionados sobre o nome da vegetação presente no parque, a maioria dos entrevistados, 82,25%, não soube responder, apenas 17,75% deles responderam corretamente “Mata Atlântica” (Gráfico 05).

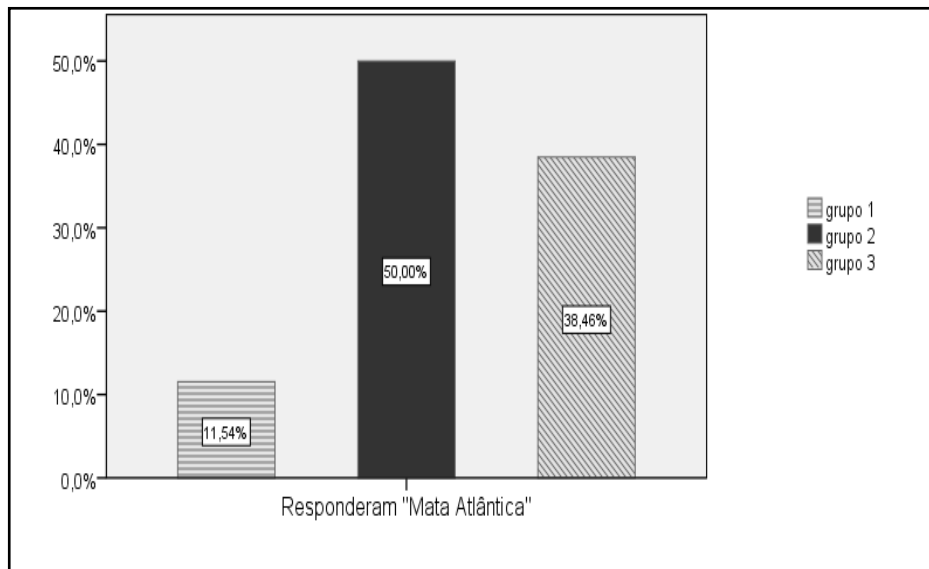
Gráfico 05 – Conhecimento dos entrevistados sobre o nome da vegetação presente no parque.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Considerando o local de residência fixa, foi possível observar que os entrevistados residentes em outros bairros de Aracaju representaram 50% das respostas com relação ao conhecimento da vegetação de Mata Atlântica no Parque (Gráfico 06).

Gráfico 06 – Conhecimento dos entrevistados sobre o nome da vegetação por grupo de entrevistados.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Dentre os entrevistados que não souberam responder o nome da vegetação, alguns citaram apenas o nome popular de algumas árvores presentes no parque, como palmeira, Pau-Brasil (Figura 06), eucalipto, mata-fome. Outros citaram o nome popular de algumas árvores frutíferas, como: pé de jenipapo, mangueira (Figura 07), cajueiro, dicurí, manjelão, jaqueira, ciriguela, bananeira. Entretanto, do total de entrevistados, apenas 17,7% souberam responder que a vegetação presente no parque se trata de uma reserva de Mata Atlântica.

Figura 06 - Árvore de nome popular de “Pau-Brasil”, localizada no zoológico.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Figura 07 - Frutífera de nome popular de mangueira, localizada no zoológico.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

O desconhecimento da maioria dos visitantes da existência de Mata Atlântica dentro do parque indica a necessidade de trabalhos de educação ambiental que visem sensibilizá-los quanto à presença e a importância dessa reserva. Barreto (2009), em trabalho realizado no Parque da Cidade sobre o seu potencial turístico já indicava a necessidade de realização de trabalhos relacionados à interpretação da natureza com o objetivo de demonstrar a importância da Mata Atlântica para os visitantes desse parque.

A conservação de áreas verdes em espaços públicos deve ocorrer de forma contínua e envolvendo todos os cidadãos, inclusive o poder público e profissionais relacionados à área. O desenvolvimento da educação ambiental continuada torna a cidade um ambiente mais saudável, deste modo, é dever de todos prezar pela qualidade ambiental do espaço urbano (GOMES; SOARES, 2003).

### 4.3. Percepção dos visitantes sobre o parque

Os parques urbanos recebem visitantes por motivações diversas, alguns vão em busca de lazer/diversão outros vão a fim de desenvolver atividades físicas, existem os que buscam um contato com a natureza ou devido a outras motivações correlacionadas (REIS, 2001).

Para Tuan (1980, p. 7), “o ser humano tem outras maneiras para responder ao mundo além dos cinco sentidos da visão, audição, olfato, paladar e tato”, sendo assim, sabe-se que alguns aspectos relacionados ao meio ambiente, para algumas pessoas, depende do que elas veem, ouvem, tocam, ou sentem o cheiro, mas essas características são transformadas em seus aspectos cognitivos de acordo com a cultura de cada indivíduo.

Deste modo, os visitantes do parque em estudo foram estimulados a responder sobre qual o motivo principal da sua visita ao parque (Tabela 06).

Tabela 06 - Fatores motivacionais à visitação.

Lazer/diversão	57,3%
Atividade física	3,3%
Contemplação da natureza	16,3%
Visitação ao zoológico	18,3%
Atividade escolar	1,0%
Outros	3,7%
Total	100%

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

De acordo com os resultados, a maioria dos visitantes, 57,3%, informou que frequenta o parque em busca de lazer e diversão. A visitação ao zoológico foi a segunda opção mais indicada pelos entrevistados, pois 18,3% dos visitantes declararam ser essa a motivação da visita. A contemplação da natureza foi o fator motivacional da visitação para 16,3% dos entrevistados. Com relação à procura do parque para o desenvolvimento de atividades escolares, durante a pesquisa, esse percentual também apresentou baixa incidência, visto que apenas 1% dos entrevistados apontou essa alternativa como fator motivacional à visitação.

Os entrevistados foram instigados a descrever abertamente sobre seu pensamento e sentimentos em relação ao parque a fim de se verificar o significado que esse espaço representa para eles. Essas informações foram tratadas transformando-se os dados brutos (falas dos entrevistados) em códigos que permitiram uma análise estatística dos dados (Tabela 07).

Tabela 07 - O Significado do Parque para os visitantes entrevistados.

"a" - tranquilidade, paz, sossego, relaxamento, bem estar.	19,7%
"b" - contemplação da natureza, preservação, área verde.	13,3%
"c" - lazer/diversão	23%
"b" e "c" - lazer e contemplação da natureza	10%
"a" e "c" - lazer/diversão e tranquilidade, paz, sossego.	9%
"a" e "b" - contemplação da natureza, tranquilidade, paz, bem estar.	11%
Segurança e infraestrutura	0,3%
Nada	0,3%
Outros	9,7%
Afetividade	3,3%
"a", "b", "c" = Tranquilidade (paz, sossego), lazer/diversão, contato com a natureza.	0,3%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Segundo Tuan (1980, p.110), “o envolvimento do homem tecnológico com a natureza é mais recreacional do que vocacional”. Verificou-se uma correlação do contexto apresentado por Tuan (1980) e os resultados da pesquisa, visto que as pessoas procuram o parque para atender principalmente suas necessidades em relação ao lazer e diversão.

#### 4.2.1 A percepção dos visitantes sobre os atrativos e equipamento de lazer do parque

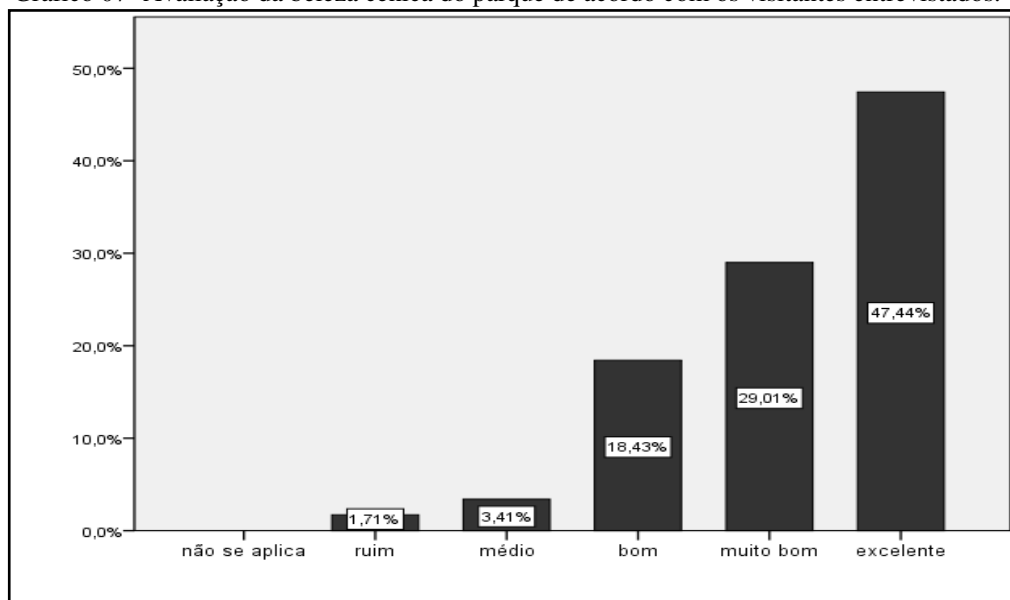
Os parques urbanos possuem atribuições que vão além da conservação da natureza, pois estão diretamente relacionados ao lazer e diversão dos seus visitantes, que visam o alívio do estresse diário que a vida na cidade ocasiona aos seus moradores. Deste modo, os parques



públicos propiciam benefícios diversos que se estendem também ao campo social (BOVO, 2012).

A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética, tátil ou mais complexa, quando faz referencia ao sentimento com o lugar. A estética de um lugar está entrelaçada ao prazer visual, a beleza proporcionada pelos fatores ambientais (TUAN, 1980). Nesse contexto, os visitantes entrevistados foram estimulados a classificar a beleza cênica do parque, sendo assim, a maior parte dos visitantes que participaram das entrevistas, 46,7%, avaliaram a beleza cênica do parque em excelente, outros 29% a consideraram como muito bom e 18,4% como bom, apenas uma pequena parcela, 1,7% a considerou ruim. (Gráfico 07).

Gráfico 07- Avaliação da beleza cênica do parque de acordo com os visitantes entrevistados.



Fonte: pesquisa de campo, 2016.

O parque possui um zoológico com várias espécies de animais, um teleférico, um Mirante da Santa, que são os atrativos mais procurados dentro do parque (MELO; SILVA & SOUZA, 2011), além destes existem ainda um parque infantil com escorregadeiras e pista de skate (Figura 08) e três campos de futebol (Figura 09). Outro atrativo que se encontra dentro do parque é o Recanto do Chourinho, um bar e restaurante que se localiza próximo da entrada principal do parque (Figura 10), dentro do zoológico existe a estrutura de um outro restaurante, mas que não está em funcionamento (Figura 11).

Figura 08 - Escorregadeiras e pista de skate.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Figura 09 - Campo de futebol.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Figura 10 – Recanto do Chourinho.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

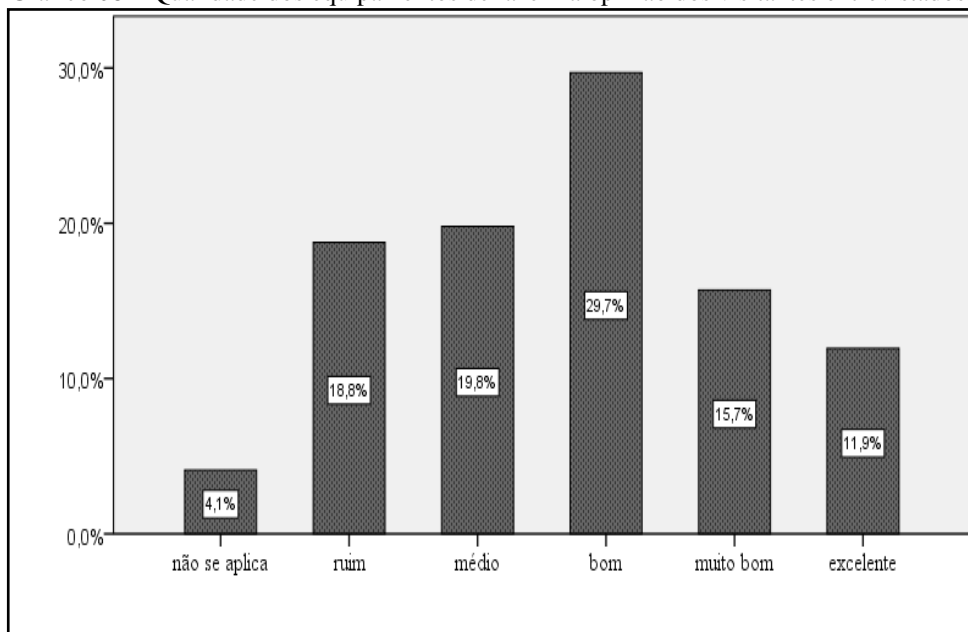
Figura 11 – Estrutura de um restaurante que não está em funcionamento.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

De um modo geral, os equipamentos de lazer do parque foram classificados pela maioria dos entrevistados como sendo bom, 29,7%, entretanto, 18,8% os consideraram ruim (Gráfico 08).

Gráfico 08 – Qualidade dos equipamentos de lazer na opinião dos visitantes entrevistados.



Fonte: Dados de campo, 2016.

### O Jardim zoológico do parque

O parque possui em seu interior um jardim zoológico que é aberto de terça a domingo, das 9 às 17h. Não existem dados precisos sobre o fluxo de visitação, no entanto, verificou-se durante a realização da pesquisa que no sábado e no domingo o fluxo de pessoas é bem maior quando comparado aos outros dias da semana.

Na entrada do zoológico fica a base administrativa do Parque (Figura 12), é onde se localizam também os banheiros. As vias dentro do zoológico são de paralelepípedo e levam até o local onde se encontram os animais (Figura 13).



Figura 12 - Entrada do Jardim Zoológico.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Figura 13: Vias dentro do jardim zoológico.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Os recintos dos animais foram construídos em alvenaria e possuem grades de proteção de ferro em que foram fixadas placas informando a espécie de cada animal (Figura 14).

Figura14- Grades de ferro com placas informando o nome popular e científico do animal.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Os frequentadores observam os animais através das grades de ferro e protegidos por quebra corpo (figura 15).

Figura 15 – Estrutura dos recintos, visitantes observando os animais.



Fonte: pesquisa de campo.



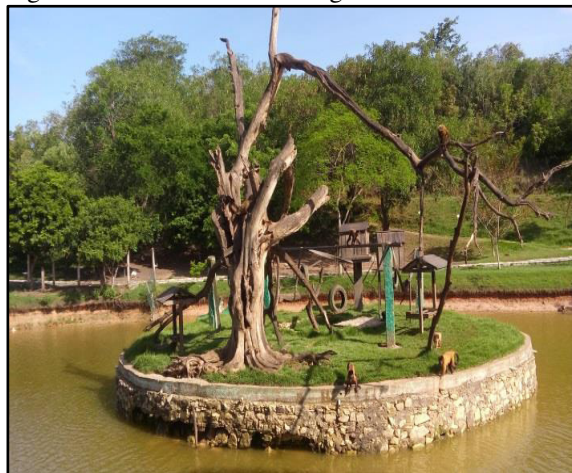
Na região central do jardim zoológico encontra-se um lago com patos (Figura 16). Existe também uma ilha central, onde ficam abrigados alguns macacos (Figura 17).

Figura 16 - Lago com patos.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

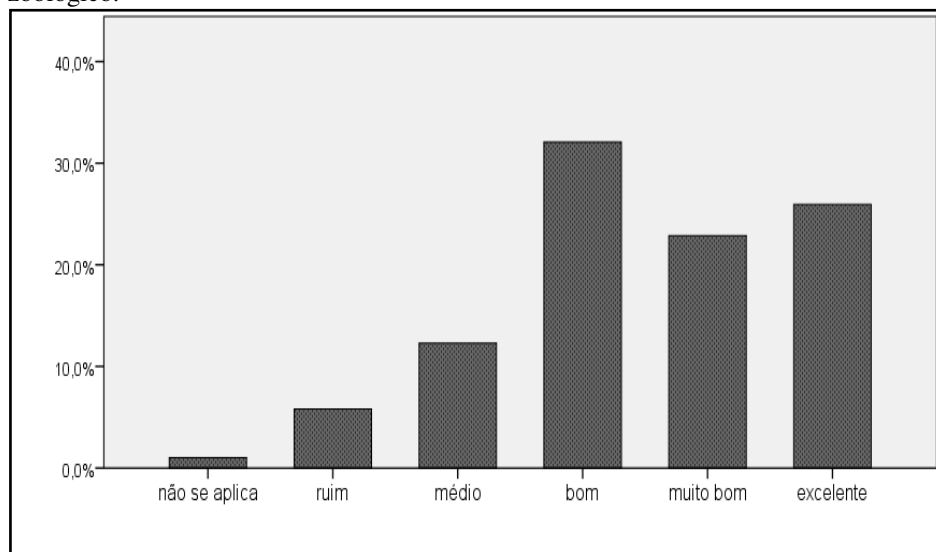
Figura 17 - Ilha central com alguns macacos.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

O zoológico foi classificado como bom por 33,3% dos visitantes (Gráfico 09) e a forma como o visitante é recebido nessa área foi avaliada por 28,7% dos entrevistados como ruim.

Gráfico 09 – Percepção dos entrevistados sobre a satisfação em relação ao Jardim zoológico.



Fonte: Dados de campo, 2016.

### **A percepção dos visitantes sobre os animais no jardim zoológico**

A percepção dos visitantes em relação ao parque teve enfoque também nos cuidados com os animais que se encontram no zoológico, como se verifica nos trechos transcritos abaixo:

*“... achei que os animais são maltratados”* (grupo 2, ent. 271).

*“... os bichos parecem não ser muito cuidados, os macacos ficam no sol”* (grupo2, ent.269).

*“ o tratamento dos animais, acho que deveriam ter mais cuidado...”* ( Grupo 3, ent. 5).

*“ os animais, tem poucos, estão mal tratados”* ( Grupo2, ent. 119).

*“ ... tratamento, muito magros, não são bem cuidados”* ( Grupo 1, ent. 209).

*“ colocar os animais em locais frescos, os macacos ficam no calor, cuidar melhor deles* ( grupo2, ent. 51).

*“ ... tratar melhor os animais, tem jaulas com cheiro ruim”* ( Grupo 1, ent. 101).

Como se observa neste ultimo relato, alguns visitantes entrevistados mencionaram sentir cheiro ruim nos recintos dos animais, como demonstra as falas dos entrevistados abaixo:

*“... o zoológico, deveria ser mais limpo, as jaulas, algumas têm mau cheiro”* (Grupo2, ent. 35).

*“ cuidado com os animais, tem jaulas com mau cheiro, poucos animais”* ( Grupo 3, ent. 154).

*“o cuidado com o animais, uma jaula com fedô, eu acho que é dos macacos, ... muito xixi* ( Grupo2, ent.164).



*“ uma pintura, porque está tudo ... nos animais, os animais estão fedorentos”*  
(Grupo2, ent. 230).

Outros apontaram em seus discursos que os animais estavam tristes, solitários e magros, seguem transcrições:

*“ o tratamento com os animais, muitos estão tristes, quietos...”* ( Grupo1, ent. 203).

*“ a limpeza das jaulas, os animais estão tristes”* ( Grupo 1, ent. 108).

*“ tratamento dos animais e as jaulas, parecem solitários”* ( Grupo3, ent. 144).

*“ cuidado com os animais, a segurança, tá atoa, muito investimento atoa, animais tristes”* ( grupo3, ent. 72).

*“os animais, têm poucos, e estão mal tratados, tristes”*( Grupo1, ent. 61).

Houve ainda crítica de alguns visitantes com relação ao tamanho dos recintos dos animais, considerando-os pequenos, como também, na quantidade de alimentos fornecidos aos animais, como se verifica abaixo:

*“ mais espaço para os animais, vemos que animais estão estressados”* ( Grupo 2, ent. 67).

*“percebemos que os animais deveriam ter mais aconchego, os recintos maiores, mais espaço”* (Grupo2, ent. 250).

*“o cuidado com a natureza, principalmente os animais, achei as jaulas pequenas”*  
(Grupo 3, ent. 11).

*“... o leão está magro, pouco espaço”* (Grupo 3, ent. 93).

*“... ter mais alimentos, cuidado com os animais...”* (Grupo1. Ent.73).

*“mais animais, um zelo melhor, os que têm tão passando maus tratos, magros”*  
(Grupo2, ent. 190).

*“... os animais, o leão, tem que alimentar melhor os animais, limpeza das jaulas”*  
(Grupo1, ent. 210).

O parque possui funcionários responsáveis pela limpeza dos recintos e fornecimento da alimentação, verificou-se que, nos dias e horários de visitação do parque fica um funcionário na entrada, mas que não acompanha os visitantes até o zoológico.

Houve relatos de pessoas atirando objetos nos animais do parque, seguem algumas transcrições abaixo:

*“colocar mais animais, cada dia vejo que diminuem ainda mais,..., e segurança aqui dentro, para os animais, **jogam pedras**”* (Grupo1, ent.17).

*“... cuidado com os animais, não tem fiscalização, crianças e adultos **jogando coisas nos animais**”* (Grupo1, ent.114).

Os relatos demonstraram que os visitantes entrevistados apresentaram preocupação com as condições dos animais nos recintos, principalmente no que se refere à alimentação, limpeza, tamanho dos recintos, entretanto outros focaram na expectativa de que o zoológico apresentasse uma maior variedade de animais.

### **O teleférico**

O teleférico é um atrativo do parque administrado por uma empresa terceirizada. O uso do equipamento ocorre mediante o pagamento de uma taxa, R\$ 16,00 inteira e R\$ 8,00

meia, sendo que menores de 6 anos e portadores de necessidades especiais são isentos do pagamento da referida taxa.

Seu funcionamento ocorre na terça das 09:30h as 16:00h, nas quartas, quintas e sextas das 9:30 às 17h e aos sábados e domingos e feriados das 8:30 as 17:30h. Ele possui duas bases de apoio, sendo que na primeira encontra-se a bilheteria e uma lanchonete (Figura 18), é dela que saem as cadeiras sustentadas por cabos de aço (Figura 19) que conduzem os usuários até a segunda base (Figura 20), em que se pode saltar das cadeiras e ir até o Mirante da Santa ou percorre uma trilha na vegetação de Mata Atlântica (Figura 21).

Figura 18 - Bilheteria do teleférico e lanchonete.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Figura 19 - Cadeiras do teleférico.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Figura 20 - Segunda base de apoio do teleférico.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Figura 21 - Trilha na Mata Atlântica.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

O teleférico foi considerado por 35,7% dos entrevistados como excelente, entretanto, 37% dos visitantes não responderam a esse questionamento, pois não conhecia ou não tinha utilizado o equipamento, por isso, decidiram não opinar (Tabela 08).

Tabela 08 – Avaliação dos entrevistados sobre o equipamento teleférico.

Respostas	Frequência	Porcentagem (%)
Não se aplica	111	37,0
Ruim	10	3,3
Médio	7	2,3
Bom	35	11,7
Muito bom	30	10,0
Excelente	107	35,7
Total	300	100,0

Fonte: Dados de campo, 2016.

Apesar do teleférico ter sido classificado pela maioria dos frequentadores como excelente, foi possível observar em pesquisa de campo que o trajeto do equipamento adentra área de Mata Atlântica ( Figura 22) e passa por cima do zoológico (Figura 23) o que pode causar desconforto aos animais, tanto no ambiente natural, quanto nos recintos.

Figura 22 - Trajeto do teleférico em área de Mata Atlântica.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Figura 23 - Teleférico passando por cima do zoológico, próximo ao recinto do leão.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

A esse respeito Mazzei, Colesanti, Santos, (2007) ressaltaram que a localização do Jardim Zoológico dentro do parque do Sabiá em Uberlândia – MG também não é recomendável, visto que a alta frequência de visitação pode provocar estresse nos animais.

### **O Mirante da Santa**

O mirante da Santa (Figura 24) localiza-se no local mais alto do Parque da Cidade, entretanto não fica visível devido à vegetação. Esse atrativo do parque recebe mais visitantes nos finais de semana e feriados, devido ao aumento do número de pessoas que utilizam o teleférico e descem na segunda base para apreciar o local.



Figura 24 – Mirante da Santa



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Seu acesso dá-se por vias asfaltadas dentro do parque (Figura 25), outro acesso é possível utilizando-se o teleférico.

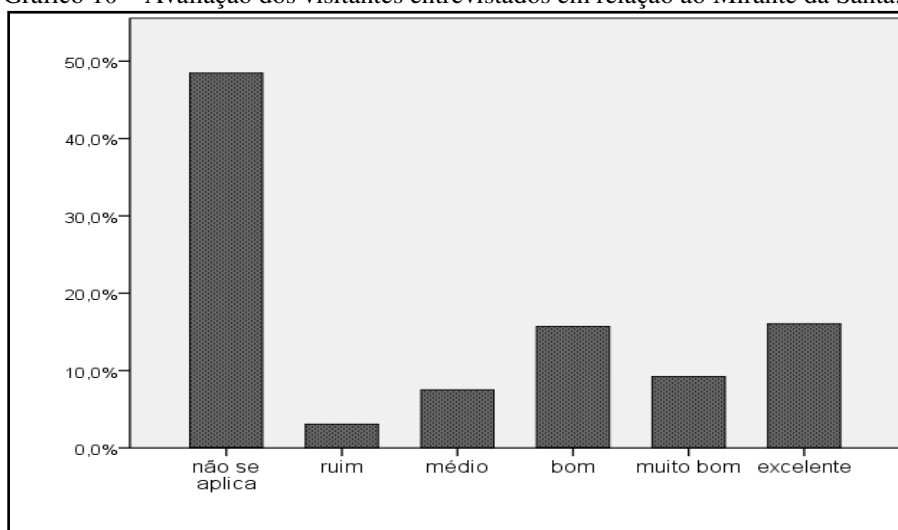
Figura 25 - Vias asfaltadas dentro do parque e placa informativa sobre localização dos atrativos.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Muitos dos visitantes entrevistados não puderam classificar o Mirante da Santa, pois não conheciam o local. Dentre os que conheciam o atrativo, a maioria o considerou excelente (Gráfico 10).

Gráfico 10 – Avaliação dos visitantes entrevistados em relação ao Mirante da Santa.



Fonte: Dados de campo, 2016.

#### 4.2.2 A percepção dos visitantes sobre a segurança do parque

Os visitantes que concordaram em participar da pesquisa foram incentivados a expor suas ideias a respeito do parque de uma forma aberta e espontânea, falando o que vinha a sua mente quando pensava no Parque da Cidade. Alguns entrevistados, 3% (Figura 09), mencionaram a falta de segurança e/ou de infraestrutura em maior parte de seus discursos. Em alguns trechos foi possível observar que essa preocupação está relacionada com os constantes assaltos que veem ocorrendo na área, como se verifica em alguns relatos dos entrevistados que seguem abaixo:

*“... tem muitos assaltos, deveria melhorar isso aqui.”* (grupo2, ent. 227).

*“... deveria oferecer mais segurança, aqui dentro, daria para ficar mais seguro”* (grupo2, ent. 237).

*“medo, apesar de ser bonito, se não tivesse a questão de segurança (falta), sentiria paz”* (grupo2, ent.277).

*“roubos, mal entramos, roubaram três pessoas”.* (grupo3, ant.162).

Quando questionados sobre o que precisaria melhorar no parque, os discursos referentes à preocupação com a falta de segurança também apareceram nas falas dos entrevistados, como se verifica nos trechos transcritos abaixo:

*“segurança, sem dúvida, a gente vem, mas com medo”* (Grupo 1, ent. 14).

*“...segurança, tem muitos assaltos lá em baixo”* (Grupo1, ent. 73).

*“segurança, não tem nenhuma, as pessoas têm que tomar cuidado aqui dentro”* (Grupo1, ent.104).

*“segurança, principalmente lá por trás das jaulas”* (Grupo1, ent. 113).

*“...ter policiamento dentro do parque”* (Grupo1, ent.115).

*“segurança, já teve muitos assaltos aqui. Deveria ter mais rondas policiais dentro do zoológico”* (Grupo1, ent.203).

*“segurança, muitos assaltos todo dia”* (Grupo2, ent.52).

*“...segurança, venho aqui com medo”* (Grupo2, ent.138).

*“o atendimento e a segurança também está precária. Falam que tem muitos assaltos”* (Grupo2, ent.196).

*“segurança, muitos assaltos, umas pessoas foram assaltadas, falam muito”* (Grupo2, ent.227).

*“segurança, dizem que muitas pessoas estão sendo assaltadas”* (Grupo2, ent.220).

*“... melhorar a segurança, o funcionário disse que estão assaltando muito aqui”* (Grupo2, ent. 237).

*“a segurança, e alguém para informar alguma coisa, não tem ninguém para informar nada”* (Grupo3, ent. 97).

*“segurança, só vi policiais na frente”* (Grupo3, ent. 150).

*“um pouco de policiamento”* (Grupo3, ent. 182).



Mesmo nos relatos sobre o que os entrevistados achavam importante no parque, os discursos referentes à falta de segurança no local também apareceram em alguns relatos, como segue abaixo:

*“a segurança das pessoas”* (Grupo1, ent85).

*“segurança, faltam policiais,...”* (Grupo 1, ent. 103).

*“segurança no local”* (Grupo1, ent.91).

*“segurança que falta”* (Grupo2, et. 243).

*“segurança, tem muita vegetação”* (Grupo3, ent.77).

Em relação à segurança, é relevante salientar que em um dos dias em que se realizavam as entrevistas na entrada do jardim zoológico alguns visitantes foram assaltados em locais mais distantes da entrada, próximo aos recintos dos animais.

Após o ocorrido, os funcionários informaram aos outros visitantes que chegavam para não se deslocar para o local dos recintos mais distantes devido à ocorrência dos assaltos.

Em conversas informais os funcionários relataram que os assaltos dentro das dependências do zoológico eram constantes, tanto visitantes, quanto funcionários do zoológico já haviam sido assaltados várias vezes. Eles informaram também que apesar de existir uma base da polícia na entrada do parque (Figura 26), e outra nas proximidades do Mirante da Santa (Figura 27) eles fazem rondas na área somente quando são acionados devido a alguma ocorrência.

Em conversas informais, funcionários do teleférico ressaltaram que na trilha localizada próximo ao Mirante os assaltos são constantes, inclusive um grupo de turistas que desceram do teleférico e foram caminhar na trilha foram alvo de assaltantes, deste então, policiais fazem plantão no local da trilha aos finais de semana e feriados, entretanto, em outros dias da semana não existe policiamento nessa área.

Em uma das falas dos entrevistados foi possível identificar preocupação com a falta de segurança nas trilhas do parque e com a falta de informação a respeito dos constantes assaltos em dias da semana, visto que muitas pessoas encontram os locais das trilhas e acham que podem entrar, segue o relato abaixo:

*“... trilhas para o turista, acha que pode entrar, mas tem assaltos”* (Grupo3, ent.26).

Figura 26 – Base da polícia Militar do Estado na entrada do zoológico.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

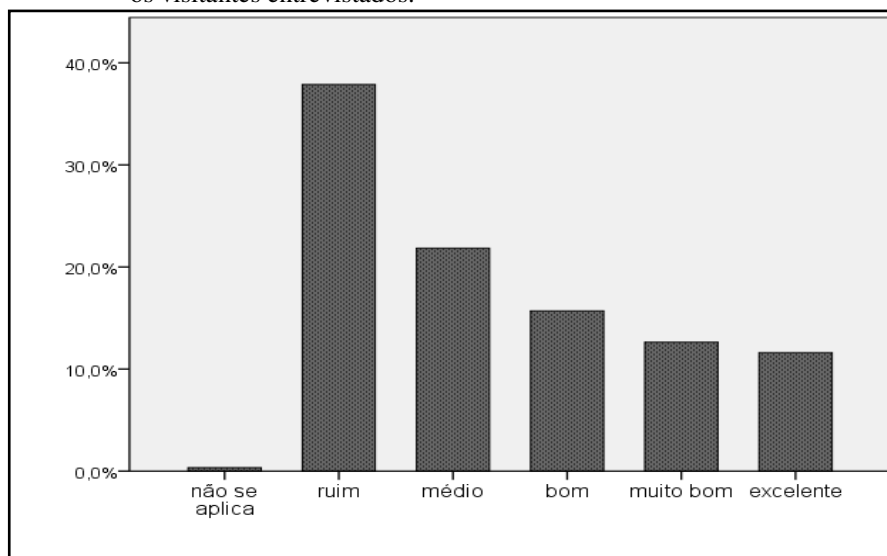
Figura 27 – Base da polícia Militar nas proximidades do Mirante da Santa.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Os visitantes do parque que responderam aos questionamentos foram instigados a classificar a segurança no parque. De acordo com os resultados, a maioria dos entrevistados, 37,3%, a classificou como ruim (Gráfico 11).

Gráfico 11 - Qualificação da segurança no parque da Cidade segundos os visitantes entrevistados.



Fonte - Pesquisa de campo, 2016.

Esse problema de segurança não atinge somente a área do parque, pois, segundo Santos (2010), 10,5% dos entrevistados declararam não estar satisfeitos por morar na APA Morro do Urubu em função da deficiência no policiamento o que favorecia o esconderijo de marginais na mata para promover seus delitos.

Problemas referentes à segurança também foi apontado em Matos (2010), pois, 58,7% dos moradores destacaram a falta de segurança como um dos principais problemas do bairro Porto Dantas, que fica na região no entorno do parque em estudo. Nesse mesmo trabalho, os moradores acrescentam que têm receio de morar na APA Morro do Urubu porque os marginais se escondem na mata.

#### 4.2.3 A percepção dos visitantes sobre a Infraestrutura do parque

Além da falta de segurança, alguns visitantes destacaram também a falta de infraestrutura no parque, mencionando, muitas vezes falta de organização, como se verifica em alguns relatos dos entrevistados:

*“ter restaurante, segurança, falta brinquedos, todo dia roubam (grupo1, ent. 172)”*.

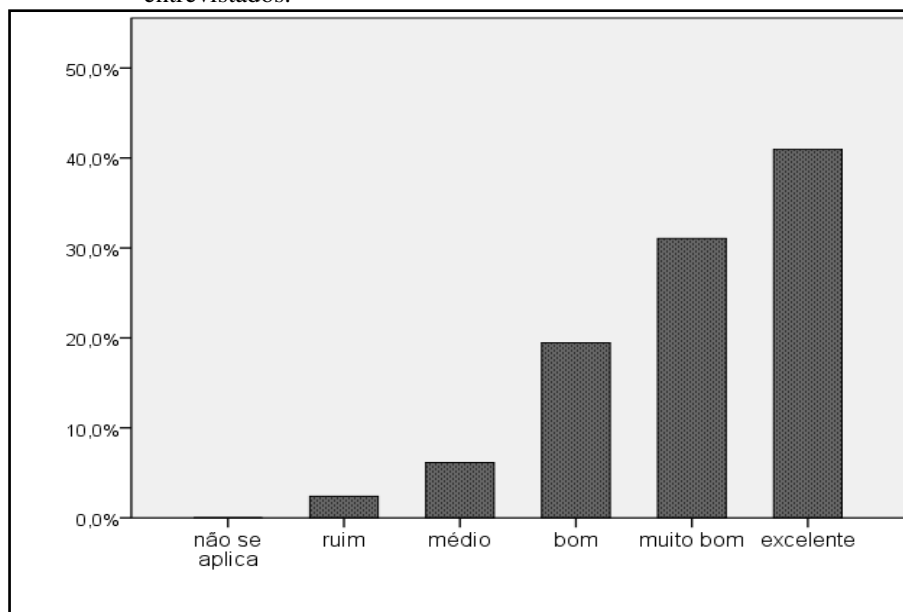
*“deveria ser mais organizado, uma estrutura legal, que dê aconchego aos visitantes, para os visitantes saírem satisfeitos” (grupo2, ent. 245).*

*“... pena que já não tem boa estrutura, venho caminhar às vezes, mas lá em cima, aqui ficou perigoso...” (grupo 1, ent. 44).*

*“eu acho que deveria ser mais organizado, segurança” (grupo1, ent. 208).*

Os visitantes foram instigados a classificarem a quantidade e disposição de lixeiras que se encontravam na área do zoológico, a maioria das pessoas que participaram da pesquisa, 40%, consideraram como excelente (Gráfico 12).

Figura 12 – Qualificação da quantidade e disposição de lixeiras segundo os visitantes entrevistados.



Fonte - Dados de campo, 2016.

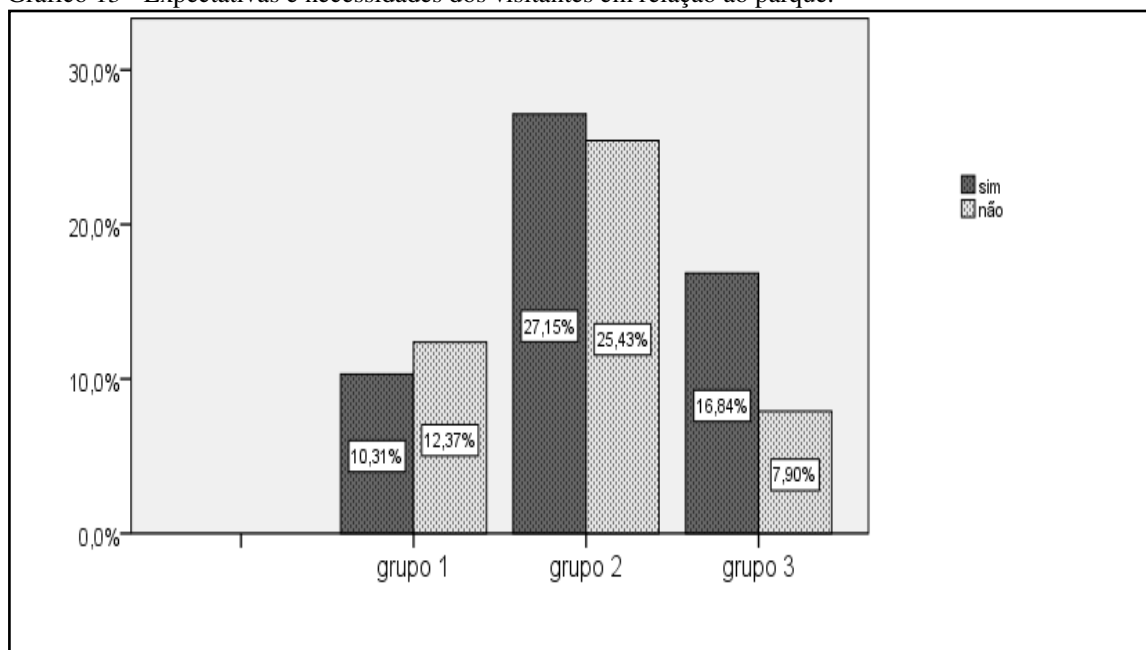
É importante salientar que as respostas dos entrevistados estavam levando em consideração o dia em que estavam visitando o parque, o horário e o local que estavam a visitar, geralmente o zoológico. Sendo assim, foi possível observar durante a realização das entrevistas que, nos finais de semana como o parque recebe mais visitantes principalmente a partir das 15 h, algumas lixeiras já estava com muitos resíduos sólidos.

Os parques públicos urbanos fazem parte de uma conquista social e devem atender as necessidades do seu tempo (MEUNIER, 2009). Deste modo, os visitantes do parque em estudo foram estimulados a responder se os equipamentos e a infraestrutura do parque atende as suas expectativas e necessidades. De um modo geral, 54,7% dos entrevistados responderam que sim a esse questionamento.

Alguns entrevistados justificaram que responderam negativamente, pois o parque necessita de melhorias em diversos aspectos, como colocar mais banheiros, consertar bancos quebrados, reformar os recintos e outras melhorias na infraestrutura também foram citadas.

Analisando-se as resposta por grupos, de acordo com o local de residência fixa dos visitantes (Gráfico 13), foi possível observar que no Grupo 1, formados por moradores que residem no entorno do parque, a maioria considerou que o parque não atende as necessidades dos visitantes, em relação aos Grupos 2 e 3, a maioria respondeu que sim, o parque atende as necessidades dos visitantes.

Gráfico 13 - Expectativas e necessidades dos visitantes em relação ao parque.



Fonte – Dados da pesquisa, 2016.

De acordo com Tuan (1980), a cultura pode influenciar a percepção, nesse sentido podendo haver diferenças de atitudes entre o visitante e o nativo de modo que focalizem aspectos diferenciados do meio ambiente. O nativo tem uma atitude complexa devido sua

imersão na totalidade de seu meio, ao contrário do visitante, que possui um ponto de vista mais simples, essencialmente estético, julgado normalmente por critérios de beleza, com posturas superficiais.

A análise por grupos permitiu uma comparação que é semelhante ao que Tuan (1980) ressalta a respeito das diferenças existentes entre o residente e o visitante, sendo que no caso desse estudo, os residentes podem ser considerados os moradores que residem no entorno do parque (Grupo 1) e os visitantes (Grupo 2 e Grupo 3), ou seja, pessoas que residem em locais mais distantes do parque, como em outros bairros ou em locais mais distantes, incluindo-se os turistas.

Nesse sentido observou-se que os residentes (Grupo 1, formados pelas pessoas que residem próximo ao parque) responderam que o parque não atende as necessidades dos visitantes, em contrapartida, pessoas pertencentes ao Grupo 2 e ao Grupo 3 (visitantes), consideraram que o parque atende as necessidades dos visitantes.

Esse resultado pode ser devido à complexidade na visão das pessoas que residem no entorno do parque, que, como enfatiza Tuan (1980), devido sua imersão na totalidade de seu meio, ou seja, de acordo com as suas expectativas, eles esperam que o parque ofereça algo a mais, que atenda as suas necessidades em relação à carência de área de lazer existente na comunidade, por exemplo.

Com relação às pessoas que residem em locais mais distantes do parque, elas responderam que sim, que o parque atende as necessidades dos visitantes, ou seja, apesar dos problemas verificados no parque com relação a sua infraestrutura, que muitos ressaltaram estar precisando de melhorias, esses entrevistados consideraram que ele atende as suas necessidades, o que demonstra uma relação com os apontamentos de Tuan quando esclarece que normalmente o visitante (Grupo 1 e Grupo 2) apresentam uma visão mais estética, julgado pelas aparências.

Apesar disso, Tuan esclarece que muitas vezes o julgamento do visitante é válido, pois, “Sua principal contribuição é a perspectiva nova. O ser humano é excepcionalmente adaptável. Beleza ou feiura – cada um tende a desaparecer no subconsciente à medida que ele apreende a viver nesse mundo” (TUAN, 1980, p.75).

#### 4.2.4 A Percepção dos visitantes sobre o parque referenciada nos fatores relacionados à saúde e à espiritualidade

No sentido de que, “A percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo” (TUAN, 1980), alguns visitantes fizeram referencia que foram além dos fatores físicos relacionados ao parque, remetendo seus sistemas perceptivos aos aspectos relacionados à saúde:

*“melhora mais a saúde...”* (grupo2, ent.262).

*“liberdade, saúde, tranquilidade, melhora a mente da gente”* (grupo2, ent. 276).

De acordo com Tuan (1980), a percepção humana sobre o meio ambiente pode ir além do que os órgãos dos sentidos, sendo assim, ela pode se estender a fatores religiosos ou sentimentais, deste modo, para alguns visitantes, o parque significa alusão divina, percorrendo o campo da espiritualidade, como descrito nas falas dos entrevistados:

*“vida futura, paraíso, o futuro prometido, Deus”* (grupo1, ent. 76).

*“a natureza de Deus, venho passear e agradecer a Deus por tudo”* (grupo2, ent. 157).

### 4.3 Laços afetivos dos visitantes em relação ao parque

Com relação à afetividade, foi possível verificar indícios de laços afetivos dos visitantes com o parque em 3,3% das entrevistas (Figura 9), como segue algumas falas a seguir:

*“lembro de infância, passei muito tempo aqui, minha visão de infância, era muito bom.”*(grupo2, ent. 244).

*“lembro do tempo de criança, o parque era melhor, estava novo, mais animais, vinha brincar com os amigos.”* (grupo1, ent. 111).

*“é um lugar agradável de infância com os pais desde criança,... erámos amigos e familiares”* (grupo 1, ent. 41).

Como se verifica nos relatos, os enunciados apresentaram laços afetivos com a área, evidenciados nas lembranças de infância, presença de amigos e familiares e aconchego na área.

As citações dos entrevistados fazendo uma referência direta e visível com relação à afetividades representaram 3,3%, entretanto, esse percentual aumenta quando considerados outros relatos e a complexidade das respostas no contexto total dos enunciados, ou seja, considerando-se todas as respostas dos entrevistados.

Algumas pessoas citaram que procuram o parque devido à tranquilidade, paz e harmonia que o local proporciona, de certa forma, a análise da percepção dessas pessoas remonta a uma retomada a locais com características predominantemente naturais que reitera a um sentimento acolhedor, de respeito e afeição com um lugar por sentir-se bem e se identificar através de grau variante de topofilia, Tuan (1980), de forma que experimentem diferentes sensações no envolvimento pleno com o meio ambiente.

A topofilia pode se apresentar como o amor humano por um lugar, representada por atitudes e valores ambientais. As respostas variantes dos indivíduos perante o meio ambiente podem se diferenciar em intensidade, sutileza e modo de expressão, com respostas meramente estéticas, tátil ou sentimentais (TUAN, 1980).

Nesse estudo foi possível perceber que a topofilia aparece de formas variantes, indo da afetividade visível e acolhedora nos relatos de infância, a sentimentos prazerosos relacionados ao contato com a natureza, ao lazer/diversão e até mesmo pelos sentimentos de conforto que o local proporciona.



Os entrevistados citaram em alguns enunciados que procuram o local porque gostam devido à tranquilidade, paz e harmonia que o local proporciona, como se verifica nos discursos de alguns entrevistados que seguem abaixo:

*“tranquilidade, sossego. Gosto de vir e ficar olhando os animais, sentar e descansar um pouco, relaxa a gente, lembro muitas coisas boas, venho muito com a família”* (GRUPO 1, ent. 17).

*“lazer, paz, me sinto muito bem...”* (GRUPO 1, entr. 16).

*“lembranças boas, trazer a família para passear, jogar bola...”* (GRUPO 1, ent. 44).

*“me sinto bem, sentir a natureza de perto, as árvores, andar, conversando,..., onde estão os animais...”* (GRUPO1, ent. 29).

*“momento de lazer, tranquilidade...”* (GRUPO 1, ent. 33).

*“penso em beleza, ver os animais, paz, clima, sossegado,..., tirar o barulho, dá melhor saúde”* (GRUPO 2, ent.38).

*“sinto feliz, diversão, alegria”* (GRUPO2, ent. 39).

*“lazer, muita coisa boa, distração, coisas que não tem em outros lugares”* (GRUPO2, ent. 47).

*“as crianças descansar, lugar calmo,..., é bom vim, eu gosto”* (GRUPO2, ent. 228).

*“lazer, lugar bonito,..., harmonia, tranquilidade”* (GRUPO 3, ent. 188).

*“lugar muito bonito”* (GRUPO3, ent. 186).

Outros estudos realizados em parques brasileiros também demonstraram a presença de sentimentos topofílicos que aparecem de forma indireta, como é o caso do estudo realizado no parque da cidade de Mãe Bonifácia, em Cuiabá, em que são evidenciadas definições de topofilia nos “julgamentos de valor correspondentes às percepções apazíveis, a ideia de identidade para com o lugar e até mesmo os pontos citados como negativos do Parque, mas que fazem referência à conservação do espaço e à construção de novos pontos de apoio ao

visitante” (BARROS; MUSIS; HORNICK, 2010), ou seja, segundo os autores, os indivíduos apresentam objetivos comuns de afeição com o lugar que culminam em atitudes de respeito, preservação e conservação do espaço. Neste caso, a afeição do visitante foi considerada implícita pela elevada frequência de visitas dos entrevistados ao parque.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da percepção dos visitantes sobre aspectos distintos do parque demonstra que ele é importante por se constituir em opção de lazer/diversão aos seus frequentadores, sendo este o principal fator motivacional à visita.

O significado do parque para a maioria dos visitantes entrevistados está centrado principalmente na contemplação da natureza.

A maioria considerou a vegetação importante, entretanto, poucos souberam informar o nome da vegetação predominante no parque, que é a Mata Atlântica.

O parque apresentou como pontos fortes: a vegetação nativa, a beleza cênica, o teleférico e o Mirante da Santa, pois os visitantes classificaram esses atrativos como excelentes.

O zoológico foi classificado por muitos como bom, apesar de que nos relatos referentes às questões abertas verificam-se críticas que levam a considerá-lo como um ponto negativo (maus tratos dos animais, falta de alimentos, recintos pequenos e com mau cheiro), além disso, outros destacaram a importância de aumentar a quantidade e diversidade de animais nos recintos (cativeiro) a fim de proporcionar mais opções de lazer e diversão.

Os equipamentos de lazer também foram considerados bons por boa parte dos entrevistados, entretanto, nas questões abertas muitos visitantes relataram que o parque carece de equipamentos destinados ao lazer/diversão. Nesse sentido, vale ressaltar que o parque está localizado dentro da Área de Proteção Ambiental Morro do Urubu, uma unidade de conservação que deve compatibilizar o uso recreativo, visita e lazer condicionado ao uso sustentável.

Desse modo, verificou-se a necessidade de interferências sensibilizadoras pautadas em atividades de educação ambiental direcionadas aos atores sociais envolvidos com o parque, dentre eles os visitantes, pois a sensibilização quanto aos problemas ambientais se constitui no caminho que leva à conservação ambiental, pois agrega aliados na defesa do uso sustentável dos recursos da natureza.

Outros pontos considerados negativos com relação ao parque são referentes à falta de segurança e de receptividade, visto que ocorrem muitos assaltos e os visitantes não são acompanhados ou mesmo fiscalizados durante as visitas. Os visitantes também classificaram tanto a segurança quanto a receptividade como ruins.

Verificou-se a presença de laços afetivos nos relatos dos entrevistados, apresentados de forma direta como sentimentos afetivos relacionados à infância, como também indireta, pautados nas atitudes e valores relacionados ao amor humano por lugar.

A verificação de sentimentos de toponímia nos enunciados apresentados pelos entrevistados pode ser considerado como um ponto positivo no que se refere a relação do homem com o parque e seus atributos ambientais, visto que instiga sentimentos, que podem ser desdobrados em atitudes e valores ambientais em defesa da conservação dos recursos naturais tanto em relação ao parque em si, como além dele, perpassando pela responsabilidade ambiental que cada indivíduo apresenta perante os cuidados com o meio ambiente no seu dia a dia.

## **REFERÊNCIAS**

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Edgar. **Introdução à Metodologia de Pesquisa Social**. Edgar Alencar: UFLA, 1999.

ALMADA, Emmanuel Duarte. sociobiodiversidade urbana: por uma etnoecologia das cidades. In: \_\_\_\_\_ **Etnobiologia e etnoecologia**: pessoas e natureza na América latina. Organizadores: Valdeline Atanazio da Silva, Alyson Luiz Santos de Almeida, Ulysses paulino de Albuquerque. Recife: Nupeea, 2010.

ARACAJU, Prefeitura Municipal de Aracaju. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracaju**. Lei Complementar. Nº 042 de outubro de 2000.

ARAÚJO, Luís Ricardo Rodrigues de; FREITAS de, Daniel Menezes Almeida; BRAGHINI, Cláudio Roberto. Ecoturismo como alternativa para o desenvolvimento sustentável da APA do Morro do Urubu–Aracaju (SE). **Revista Brasileira de Ecoturismo**. São Paulo, v.4, nº 2, 2011.

ASSUNÇÃO, João Vicente de. Controle Ambiental do Ar. In: \_\_\_\_\_ **Curso de Gestão Ambiental**. 2ed. Barueri, SP: Manole, p. 143- 194, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARGOS, Danúbia Caporusso; MATIAS, Lindon Fonseca. Áreas verdes urbanas: um estudo de revisão e proposta conceitual. **Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana**, v. 6, n. 3, p. 172-188, 2011.

BARRETO, Márcia Regina. Potencial Ecoturístico do Parque Governador José Rollemberg Leite em Aracaju, Sergipe. **Revista Nordestina de Ecoturismo**, v. 2, n. 1, 2009. Anais do Fórum Nordeste de Ecoturismo.

BARROS, MP de; DE MUSIS, Carlo Ralph; HORNICK, Carmen. Parque da cidade Mãe Bonifácia, Cuiabá-MT: toponímia e amenização climática em um fragmento de cerrado urbano. **Revsbau, Piracicaba-SP**, v. 5, n. 2, p. 01-18, 2010.

BONONI, Vera Lucia Ramos. Controle Ambiental de Áreas verdes. In: \_\_\_\_\_ **Curso de Gestão Ambiental**. 2ed. Barueri, SP: Manole, p. 257- 305, 2014.

BOVO, Marcos Clair. **Áreas verdes urbanas, imagem e uso**: um estudo geográfico sobre a cidade de Maringá – PR. 2009. 324 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade Ciências e Tecnologia, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/105006>.

BOVO, Marcos Clair; CONRADO, Denner. O parque urbano no contexto da organização do espaço da cidade de Campo Mourão (PR), Brasil. **Caderno Prudentino de Geografia**. v. 1.n.34 , 2012.

BRASIL, Governo Federal. **Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC**. Decreto-Lei nº 9.985/00. Brasília: Ministério do Meio Ambiente MMA, 2000.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001**: regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, 2001.

CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Sylvia Cavalcante, Gleice A. Elali (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CAVALCANTE, Sylvia; MACIEL, Regina Heloísa. Métodos de Avaliação da Percepção Ambiental. In: \_\_\_\_\_ **Métodos de Pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. Pinheiro & Hartmut Günther (org.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

\_\_\_\_\_; NÓBREGA, Lana Mara Andrade. Espaço e Lugar. In: \_\_\_\_\_ **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Sylvia Cavalcante, Gleice A. Elali (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

COIMBRA, José de Ávila Aguiar. Linguagem e Percepção Ambiental. In: \_\_\_\_\_ **Curso de Gestão Ambiental**. 2ed. Barueri, SP: Manole, 2014.

DIAS, Reinaldo. **Sustentabilidade**: origem e fundamentos; educação e governança global; modelo de desenvolvimento. São Paulo: Atlas, 2015.



DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. 4 ed. São Paulo: Hucitec: Núcleo de Apoio à pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2004.

DORIGO, Tania Amara; LAMANO-FERREIRA, Ana Paula nascimento. Contribuições da Percepção Ambiental de Frequentadores sobre Praças e Parques no Brasil (2009-2013): revisão bibliográfica. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, vol. 4, nº 3, 2015.

DUPAS, Gilberto. **Meio Ambiente e Crescimento Econômico: tensões estruturais**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

FRANÇA, Tainã Potiguara Pereira de; SANTOS, Carla Zoaid Alves dos; GOMES, Laura Jane. Arborização de Aracaju: uma percepção dos seus moradores. **Geografia (Londrina)**, v. 21, n. 2, p. 5-22, 2013.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. **De Maçaranduba a Industrial: história e memória de um lugar**. ARACAJU: Fundação Municipal de Cultura, Turismo e Esportes- FUNCAJU, 2005.

GOMES, Laura Jane; OLIVEIRA, Ivana Silva Sobral; COSTA, Cristiano Cunha; MAROTI, Paulo Sérgio. Percepção Ambiental Como Estratégia de Planejamento e Gestão em Unidades de Conservação. In: \_\_\_\_\_ **Meio Ambiente: distintos olhares**. Antenor de Oliveira Aguiar Neto; Laura Jane Gomes (organizadores). São Cristovão: Editora UFS, 2010.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre; SOARES, Beatriz Ribeiro. A vegetação nos centros urbanos: considerações sobre os espaços verdes em cidades médias brasileiras. **Estudos Geográficos**, 1(1); 19-29. Junho 2003.

HILDEBRAND, Elisabeth. **Avaliação econômica dos benefícios gerados pelos parques urbanos: estudo de caso em Curitiba-PR**. 2001. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **IBGE CIDADES**. Disponível na internet em: <http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/historico.php?lang= EN&codmun=280030&search=sergipe%7Caracaju%7Cinphographics:-history>, acesso em 20/07/2015.

INVING, Marta de A; AZEVEDO, Julia. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002.

JORGE, Ana Maria Guimarães. **Introdução à Percepção: entre os sentidos e o conhecimento**. São Paulo: Paulus, 2011. (Coleção temas de comunicação).

KUHNEN, Ariane. Percepção Ambiental. In: \_\_\_\_\_ **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Sylvia Cavalcante; Gleice A. Elali (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LIMA, Valéria; AMORIM, Margarete Cristina da Costa Trindade. A importância das áreas verdes para a qualidade ambiental das cidades. **Revista Formação**, v1, nº 13, p.19, 2006.

LOBODA, C. R.; ANGELIS, B. L. D.de. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. *Ambiência* - **Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais**, v. 1 n. 1, p. 125-139, jan/jun. 2005.

MACHADO, Anselmo Belém. O Plano Diretor de Aracaju e suas Contradições: uma análise preliminar. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 24, p. 169-184, 2012.

MARCONI; Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATOS, A., GOMES, L. Participação Social: A interface ausente na área de proteção ambiental Morro do Urubu, Aracaju-Se. **Revista Scientia Plena**, vol. 7, n 11, 2011.

MATOS, Anselmo Araújo. **Gestão e Percepção Ambiental: a área de proteção ambiental Morro do Urubu- Aracaju-SE**. 2010. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Núcleo de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe.

MAZZEI, Kátia; COLESANTI, Marlene T. Munro; SANTOS, Douglas Gomes dos. Áreas verdes urbanas, espaços livres para o lazer. **Revista Sociedade & Natureza**, v. 19, n. 1, 2007.

MEUNIER, Isabelle Maria Jacqueline. Percepções e expectativas de moradores do grande Recife-PE em relação aos parques urbanos. **Revista Sociedade Brasileira de Arborização Urbana**, Piracicaba-SP. v. 4, n. 2. 2009.

OLIVEIRA, Kleber Andolfatode; CORONA, Hieda Maria Pagliosa. A percepção ambiental como ferramenta de propostas educativas e de políticas ambientais. **Revista Científica ANAP Brasil**, v. 1, n. 1, 2008.

PELLEGRINO, Paulo Renato Mesquita. O Projeto da Paisagem e a Sustentabilidade das Cidades. In: \_\_\_\_\_ **Curso de Gestão Ambiental**. 2ed. Barueri, SP: Manole, 2014.

PINTO, Turismóloga Joyce Barreto. **Possibilidades de desenvolvimento do ecoturismo na Área de Proteção Ambiental Morro do Urubu (Aracaju/SE)**. 2008. Tese de Doutorado. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE.

REIS, Rodrigo Siqueira. **Determinantes ambientais para a realização de atividades físicas nos parques urbanos de Curitiba: uma abordagem sócio-ecológica da percepção dos usuários**. Dissertação (Mestrado em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Metodologia Científica**. São Paulo: Avercamp, 2006.

ROSA, Maria Virginia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismo para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANTOS, Carla. Z. A. **Subsídios para o planejamento das áreas verdes públicas de Aracaju**, Sergipe. 2013. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Núcleo de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe.

SANTOS, L. I.; GOMES, L.J.; GOMES, S. M.; SANTANA, L.L. Identificação das ações impactadas na Área de proteção Ambiental Morro do Urubu, Aracaju-SE. **Scientia Plena**, vol.9, nº 10, 2013.

SANTOS, Rozely Ferreira dos. **Planejamento ambiental: teoria e prática**. São Paulo: Oficina de texto, 2004.

SERGIPE. Decreto nº 13.713, de 16 de junho de 1993. Institui a área de Proteção Ambiental do Morro do urubu e dá outras providências, 1993.

SILVA, Lauro Leal da. **Ecologia**: manejo de áreas silvestres. Santa Maria: MMA, FNMA, FATEC, 1996.

SILVA, Maria do Socorro Ferreira; MELO & SOUZA, Rosemeri. **Territórios Usados em áreas protegidas e Atrativos Turísticos**: Exploração ou Conservação Ambiental? Revista Nordestina de Ecoturismo. Aquadabã, v. 4, n.2, outubro de 2011.

SIMÕES, Edna Augusta Quirino. **Psicologia da Percepção**. São Paulo: EPU, 1985.

TERBORGH, John; SCHAIK, Carel Van. Por que o mundo precisa de Parques. In: **Tornando os Parques Eficientes**: Estratégias para a conservação da natureza nos trópicos. John Terborgh; Carel Van Schaik; Lisa Davenport; Madhu Rao (org.). Curitiba: ED. Da UFPR/ Fundação O Boticário, 2002.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo/ Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu, 1930. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VALLE, Cyro Eyer do; LAGE, Henrique. **Meio Ambiente**: acidentes, lições, soluções. 5 ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

VILLAR, Livia Melo et al. A percepção ambiental entre os habitantes da região noroeste do estado do Rio de Janeiro. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 12, n. 2, p. 285-290, 2008.

WALDMAN, Maurício. **Meio Ambiente e Antropologia**. José de Ávila Aguiar Coimbra (Coord.). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

## **APÊNDICE A**

## APÊNDICE A – FORMULÁRIOS DE ENTREVISTAS

**Entrevistador (a):** \_\_\_\_\_ **Local de referência:** \_\_\_\_\_

**Data:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ **Turno:** ( ) manhã ( ) tarde **Horário:** \_\_\_\_\_

**Dia da semana:** \_\_\_\_\_ **Clima:** ( ) sol ( ) chuva

### 1. Local de residência fixa do visitante (bairro, cidade, estado, país):

( ) GRUPO 1 – reside no entorno do Parque. ( ) Bairro Industrial, ( ) Porto Dantas ou ( ) Coqueiral

( ) GRUPO 2 – reside em outros bairros de Aracaju. Bairro: \_\_\_\_\_

( ) GRUPO 3 – Turistas - reside em locais mais distantes ( em outras cidade de Sergipe, outros estado do país ou outro país). Qual \_\_\_\_\_

### 2. Sexo

( ) masculino 1  
( ) feminino 2

### 3. Forma de deslocamento de casa até o parque:

( ) a pé ( ) bicicleta ( ) veículo motorizado próprio  
( ) transporte coletivo ( ) ônibus escolar ( ) outros;

### 4. Grau de Escolaridade:

( ) Ens. Fundamental  
( ) Ensino médio  
( ) Ensino superior  
( ) Pós graduação

( ) Completo ( ) Incompleto

### 5. Idade:

( ) 16 – 29 anos  
( ) 30 – 39 anos  
( ) 40 – 49 anos  
( ) 50 ou mais

### 6. Nº de dependentes:

( ) nenhum  
( ) 1-2  
( ) 3-5  
( ) 6-7  
( ) 8-10

### 7. Principal ocupação:

( ) empregado formal  
( ) empregado informal  
( ) aposentado  
( ) cuidador do lar  
( ) estudante  
( ) pensionista  
( ) outros: \_\_\_\_\_

### 8. Renda mensal:

( ) dependente  
( ) até 1 salário  
( ) 2-3 salários  
( ) 4-5 salários  
( ) 6-10 salários  
( ) mais de 10 salários

### 9. Quantas vezes você visita este Parque por ano?

( ) primeira visitação  
( ) passa mais de 1 ano sem visitar  
( ) 1-2 visitas ao ano  
( ) 3-6 visitas ao ano  
( ) 7 a 12 visitas ao ano  
( ) acima de 12 visitas ao ano

**10. Qual o motivo principal da sua visitação a esse parque?**

- ☐ Lazer/diversão    ☐ atividade física    ☐ contemplação da natureza  
☐ visitação ao zoológico    ☐ atividade escolar    ☐ outros \_\_\_\_\_

**11. Em uma escala de 1 a 5 (sendo mais positivo o valor 5) qual valor você daria para:**

- |                           |                                |
|---------------------------|--------------------------------|
| Beleza cênica ( )         | Vegetação nativa do Parque ( ) |
| Zoológico ( )             | Limpeza do parque ( )          |
| Teleférico ( )            | Disposição de lixeiras ( )     |
| Mirante da Santa ( )      | Segurança no Parque ( )        |
| Equipamentos de lazer ( ) | Receptividade ao visitante ( ) |

**12. Os equipamentos e a infraestrutura do parque atende as necessidades dos visitantes?**

- ☐ sim    ☐ não. Justifique: \_\_\_\_\_

**13. O que você considera mais importante no parque?****14. Em sua opinião o que precisaria melhorar no Parque?****15. Em sua opinião qual a importância da vegetação presente no parque?****16. Você sabe o nome da vegetação predominante no parque?****17. Descreva o que vem a sua mente quando pensa no Parque da Cidade.**